

UnB

Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade

Isabella Silveira Monteiro

Meu Querido Armário:

Fotozine sobre a saída do armário na vida de pessoas LGBTQIAP+

Brasília
2022

Isabella Silveira Monteiro

Meu querido armário:

Fotozine sobre a saída do armário na vida de pessoas LGBTQIAP+

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Comunicação (UnB), como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda

Orientador: Rafael Dietzsch

Brasília

Setembro de 2022

Isabella Silveira Monteiro

Meu Querido Armário:

Fotozine sobre a saída do armário na vida de pessoas LGBTQIAP+

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Comunicação (UnB), como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda

Orientador: Rafael Dietzsch

BANCA EXAMINADORA

Prof. Rafael Dietzsch - Orientador
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Luciano Mendes de Souza - Membro 1
Universidade de Brasília (UnB)

Profa. Emília Silveira Silberstein - Membro 2
Universidade de Brasília (UnB)

Profa. Priscila Monteiro Borges – Suplente
Universidade de Brasília (UnB)

Agradecimentos

A realização desse produto só foi possível com o conteúdo adquirido durante a graduação em Publicidade e Propaganda, seja dentro das salas de aula da FAC, seja em encontros interdisciplinares que somente uma universidade pública e de qualidade oferece, em projetos de extensão como a Facto - Empresa Júnior de Comunicação ou o Cacom (atual Dacom). O fato de o início do projeto ter se dado somente no meu último semestre de faculdade, não tira a influência de toda a vivência proporcionada nesses cinco anos de UnB no meu produto final de curso e em todos daqui para frente.

Gostaria de agradecer a todos que me apoiaram no processo, iniciando pelos modelos(as) que toparam se jogar nessa jornada artística e científica comigo sem receber cachê monetário em troca, entregaram um resultado sensível e de qualidade. Especialmente a Lucas Modesto e Ma Puzzilli que estiveram presentes em todas as etapas de criação, produção e pós produção comigo.

Aos meus pais, que sempre viram potencial em mim e incentivaram a busca por um estudo de qualidade como forma de aproveitar minha capacidade de produzir e circular nesse mundo, além de todo o apoio emocional e educacional desde meu nascimento.

E por fim, a todos os meus professores e colegas da Faculdade de Comunicação e da Universidade de Brasília, que continuem trabalhando para criar poderosos agentes de transformação.

Resumo: O Armário atua como símbolo da opressão contra pessoas LGBTQIAP+ desde o século XX. O termo “sair do armário” surgiu nos Estados Unidos e através da globalização chegou ao Brasil. Atualmente o país tem suas próprias experiências de “armário” atravessadas pela colonialidade eurocêntrica e pela cultura LGBTQIAP+ brasileira. Essa fotozine explora 5 narrativas de "armário", para sua construção foram feitas entrevistas acerca de cada história de repressão o que resultou em ensaios fotográficos, posteriormente expostos na revista.

Palavras-chave: LGBTQIAP+; Fotozine; Entrevista; Fotografia; Armário

Abstract: The closet acts as a symbol of oppression against LGBTQIAP+ people since the 20th century. The term “come out of the closet” emerged in the United States and through globalization arrived in Brazil. Nowadays, the country has its own experiences of “closet” influenced by eurocentric coloniality and LGBTQIAP+ Brazilian culture. This photozine explores 5 “closet” narratives, during its construction interviews about each story of repression were made, which resulted in photography rehearsals, posteriorly exposed in the magazine.

Keywords: LGBTQIAP+; Photozine; Interview; Photography; Closet

Sumário

1. Introdução.....	8
2. Problema de pesquisa.....	10
3. Justificativa.....	11
4. Objetivos.....	15
4.1 Objetivo Geral.....	15
4.2 Objetivos Específicos.....	15
5. Quadro Referencial Teórico.....	16
5.1 Armário.....	16
5.2 Armário Brasileiro.....	18
5.3. Abordagem Metodológica.....	24
5.4 Estética.....	25
6. Metodologia.....	31
7. Produto.....	33
7.1 Ideia.....	34
7.2 Cronograma.....	34
7.3 Entrevistas.....	35
7.4 Roteiros.....	40
7.5 Ensaios.....	41
7.6 Edição das Fotos.....	44
7.7 Diagramação e Criação da fotozine.....	44
7.8 Impressão.....	60
8. Conclusão.....	60
9. Referências.....	62

Lista de Figuras

Figura 1 - Mathew Guido.....	26
Figura 2 - Mathew Guido.....	26
Figura 3 - Mathew Guido.....	27
Figura 4 - Mathew Guido.....	27
Figura 5 - Mathew Guido.....	28
Figura 6 - Mathew Guido.....	28
Figura 7 - Photobook “NI NENA NI NEN”.....	29
Figura 8 - Photobook “NI NENA NI NEN”.....	30
Figura 9 - Photobook “NI NENA NI NEN”.....	30
Figura 10 - Photobook “NI NENA NI NEN”.....	31
Figura 11 - Caderno de desenhos de Ma Puzzilli.....	41
Figura 12 - Captura de tela da fonte Marvin Visions.....	45
Figura 13 - Primeira versão da capa da fotozine “Meu Querido Armário.....	45
Figura 14 - Primeira capa do projeto.....	46
Figura 15 - Quarta capa do projeto.....	47
Figura 16 - Captura de tela da página mestre.....	48
Figura 17 - Captura de tela da página mestre.....	49
Figura 18 - Captura de tela do Indesign.....	49
Figura 19 - Captura de tela do Indesign.....	50
Figura 20 - Captura de tela do Indesign.....	50
Figura 21 - Captura de tela do Indesign.....	51

Figura 22 - Captura de tela do Indesign.....	51
Figura 23 - Captura de tela do Indesign.....	52
Figura 24 - Paleta de cores.....	52
Figura 25 - Fonte Manuale Regular.....	53
Figura 26 - Fonte Manuale Extrabold.....	53
Figura 27 - Captura de tela do Indesign.....	54
Figura 28 - Captura de tela do Indesign.....	54
Figura 29 - Captura de tela do Indesign.....	55
Figura 30 - Captura de tela do Indesign.....	56
Figura 31 - Captura de tela do Indesign.....	56
Figura 32 - Captura de tela do Indesign.....	57
Figura 33 - Captura de tela do Indesign.....	58
Figura 34 - Captura de tela do Indesign.....	58
Figura 35 - Captura de tela do Indesign.....	59
Figura 36 - Captura de tela do Indesign.....	60

1. Introdução

“A epistemologia do armário não é um tema datado nem um regime superado de conhecimento.” (SEDGWICK, 1990, p. 42), por isso falar sobre a existência desse “armário” tem importância contemporânea e pode contribuir para um futuro onde essa experiência inexistente. A falta de conteúdo específico (tanto visual, quanto teórico) sobre esse processo de sigilo e autoflagelação que é o “armário” foi notada durante a pesquisa para a produção, porém os registros sobre a história LGBTQIAP+ no Brasil e outros textos subversivos da Teoria Transviada ou Teoria Queer, incentivam a produção de obras que preencham lacunas encontradas no conhecimento LGBTQIAP+.

Quase como uma lenda urbana, o ritual de fazer segredo a respeito da sexualidade e identidade gênero é um costume disseminado pelo mundo, não necessariamente com o nome de “armário”, porém a experiência de se esconder em um personagem hétero e cis é recorrente, às vezes até necessária para a sobrevivência.

“Além disso, a elasticidade mortífera da presunção heterossexista significa que, como Wendy em Peter Pan, as pessoas encontram novos muros que surgem à volta delas até quando cochilam. Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição.” (SEDGWICK, 1990, p. 22)

Essa suposição de que todos são héteros e cisgênero até que se prove o contrário, seja essa prova voluntária ou um apontamento de terceiros, é o que causa a necessidade de “sair do armário” tanto em uma dimensão universal, quanto individual. Individualmente existem diversas maneiras de “sair do armário”, algumas pessoas podem ser taxadas pela sociedade como “gays¹” desde novos por conta de alguma transgressão ao padrão de gênero, alguns podem passar uma vida toda performando uma heterossexualidade e sair do armário apenas na terceira idade, alguns podem sair na adolescência e chocar a família, outros podem ser arrancados do armário pela própria família. Em uma dimensão universal é a revelação do segredo: ser diferente da norma eurocêntrica de sexualidade e de gênero. Apesar de ocorrer de várias formas, sempre tem o preconceito intrínseco nesse processo.

¹ Com um sentido pejorativo.

Neste produto falaremos de 5 exemplos dessas experiências com o “armário”. É uma produção fotográfica, mas que também tem sua faceta de pesquisa qualitativa e de diagramação. A fotografia foi escolhida como método de transmissão da história a ser passada, pois “Embora em certo sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas a interprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos” (SONTAG, 1983, p. 10), com a manipulação de roteiro, luz, figurino, cenário e maquiagem essa interpretação fica ainda mais moldada e capaz de passar um *storytelling*.

Os modelos dos ensaios fotográficos foram entrevistados acerca de suas narrativas enquanto pessoas LGBTQIAP+ que tiveram ou têm esse pensamento de “sair do armário” e estão inseridas em um país homofóbico e transfóbico como o Brasil. A partir das entrevistas, foram construídos ensaios fotográficos roteirizados que tinham como objetivo transmitir a história da pessoa retratada. Por fim, os ensaios foram expostos numa publicação semi artesanal de pequena tiragem: Fotozine.

Os "armários" tratados durante o processo de construção da zine são rituais pessoais de revelação de sexualidade e identidade de gênero, entretanto, mesmo individuais, só foram necessários por conta da sociedade historicamente preconceituosa que os permeia. Ao mesmo tempo que o mundo exige sigilo sobre as dissidências da norma hétero e cisgênero, há uma obsessão em definir uma personalidade inteira a partir de uma orientação sexual ou uma não identificação com o gênero imposto. Desde crianças os entrevistados tinham medo de se identificar com os xingamentos que muitas vezes lhes eram impostos: “viado”, “sapatão”. O que significa para uma criança se identificar enquanto desvio da norma? Qual impacto esse processo de repressão e descoberta na infância e adolescência tem na vida dessas pessoas atualmente? Essas são algumas das indagações que moveram esse projeto.

O interesse pessoal que move essa produção, não tira sua relevância no mundo e como projeto de conclusão de curso. Os estigmas criados por desinformação são combatidos com pesquisa, arte e cultura. Meu Querido Armário se encaixa nessa posição de militância e resistência à onda preconceituosa

instaurada no país. Para além disso, é uma obra de caráter artístico que procura tratar com sensibilidade e beleza um tema complexo; emocionar e criar identificação são propósitos da publicação.

2. Problema de pesquisa

A partir do momento que “A heterossexualidade é atribuída como norma e regra” (SILVA; BARBOSA, 2016, p. 134 apud LOURO, 2000; LOURO, 2003) e a cisgeneridade também, tudo que foge disso é considerado uma espécie de aberração, principalmente pela igreja, que através do conceito de “pecado” exclui e condena pessoas LGBTQIAP+², criando uma esfera de medo, punição e silêncio, e posteriormente, propõe uma cura gay parecida com a “Essência de repressão” de Freud: “Encontra-se simplesmente em afastar-se de algo e mantê-lo à distância do consciente” (KILOMBA, 2019, p. 41 apud Freud, 1923, p. 17). Reconhecendo o perigo de revelar uma sexualidade ou identidade de gênero diferente das propostas como normais, urge a necessidade de um mecanismo de defesa; “É nesse sentido que surge o “armário” como forma de não revelar a própria sexualidade, determinada pela ordem social como pecado a partir dos parâmetros do correto.” (SILVA; BARBOSA, 2016, p. 135).

Não é só a igreja e seus integrantes que tem a LGBTfobia intrínseca em suas ações e pensamentos. Um país de habitantes plurais (tanto em espiritualidade, quanto em cultura e política) como o Brasil é, há treze anos, o país que mais mata travestis e mulheres transgênero no mundo³.

Atualmente, mesmo que não seja a realidade de todos os brasileiros⁴, vivemos em um mundo com a existência de internet, televisão, rádio, entre outros

² Site Simple Organic. 13 de jun. de 2022. **Saiba o que significa cada letra da sigla LGBTQIAP+**. Disponível em: <https://simpleorganic.com.br/blogs/simple-blog/sigla-lgbtqia>. Acesso em: 13 de jul. de 2022.

³ Jornal Brasil de Fato. 23 de jan. de 2022. **Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>. Acesso em: 13 de jul. 2022.

⁴ G1. 21 de mar. de 2022. **Mais de 33 milhões de brasileiros não têm acesso à internet, diz pesquisa**. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/03/21/mais-de-33-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-acesso-a-internet-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 13 de jul. de 2022.

meios de comunicação que ditam quais são as próximas modas, quais pessoas são bonitas, engraçadas, inteligentes e, conseqüentemente, quais não carregam essas características. Além disso, “‘ser visto’ é também uma forma de pressionar instâncias governamentais por mais direitos e políticas de igualdade, a fim de garantir a dignidade humana de grupos sociais cotidianamente vilipendiados” (MENDES, 2017). Por isso, a representação nos veículos de comunicação de pessoas LGBTQIAP+ com suas individualidades e demandas específicas de cada letra da sigla é tão importante.

Por design gráfico e fotografia serem as minhas áreas de interesse durante a formação em publicidade, por ter percebido a importância de se falar sobre o peso do “armário” na vida das pessoas LGBTQIAP+ através da leitura do texto “Epistemologia do Armário” de Eve Kosofsky Sedgwick e do papel imprescindível que os meios de comunicação e arte têm nesse debate, me veio o problema de pesquisa: Como utilizar a produção visual gráfica e a fotografia para representar os impactos que o “armário” tem na vida dos meus interlocutores LGBTQIAP+?

3. Justificativa

O armário pode ser descrito como um dispositivo que regula a vida de pessoas LGBTQIAP+, criando um segredo sobre sua identidade ao mesmo tempo que concede aos heterossexuais cisgênero a liberdade de experienciar as suas personalidades, interesses e valores como hegemonia, sem se preocupar com uma possível revelação seguida de uma série de condenações (SEDGWICK, 1990).

Ainda segundo o texto que deu a ideia do produto, “Epistemologia do Armário” de Eve Kosofsky Sedgwick, mesmo uma pessoa assumidamente gay há anos, pode estar, e provavelmente ainda está, no armário em alguma camada de sua vida. Seja ela sua família, seus amigos, o local de trabalho ou de estudo.

No contexto brasileiro atual, esse temor de sair do armário pode surgir do fato de que em 2021 houve um aumento de 33% em relação ao ano anterior no número de mortes violentas de pessoas LGBTI+, somando 316 mortes, dessas 285 foram assassinatos, 26 suicídios e 5 de outras causas. Dando destaque para os números mais gritantes, 45,89% dessas mortes eram de homens gays e 44,62% de travestis

e mulheres trans, se entrássemos em outra discussão⁵ poderíamos refletir sobre como esses dois grupos ao longo de suas vidas tiveram que negar algumas masculinidades⁶ que lhes foram impostas desde o nascimento. Mas voltando para os dados de mortalidade por LGBTfobia, o Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIAP+ no mundo. Em 2021, com a frequência de uma pessoa a cada 27 horas⁷. Há grandes chances desses números estarem subnotificados por falta de investimento do governo em pesquisas nesse nicho.

Em uma pandemia mal gerida, além de se preocupar com a propagação do vírus, essas pessoas tiveram que continuar refletindo sobre sua existência enquanto LGBTQIAP+. Como podemos observar no título da introdução do Dossiê de Assassinatos e Violências contra travestis e transsexuais brasileiras 2022 do Antra (Associação Nacional de Travestis e Transsexuais)⁸ “Transfobia, a epidemia que não entra de quarentena”, pessoas transgêneros e travestis tiveram suas vivências extremamente ameaçadas durante 2020 e 2021 e em todos anteriores. O Brasil segue tendo expectativa de vida de 35 anos para esse grupo de pessoas, ao mesmo tempo que é o país que mais consome pornografia de pessoas trans⁹, ou seja, é o país que mais mata ao mesmo tempo que mais sexualiza esses indivíduos. Quando vivas, existem outros diversos tipos de violência sobre pessoas trans. No caso das mulheres transgênero e travestis o mercado de trabalho é escasso, sem estabilidade e segurança alguma, 90% delas encontrou na prostituição uma alternativa para a

⁵ Uma discussão sobre o que esses grupos têm em comum para se destacarem como as maiores vítimas de mortes na comunidade LGBTQIAP+: tanto homens gays, quanto mulheres trans e travestis têm a construção do gênero masculino imposta sobre eles desde o nascimento, após negar partes dela ou ela por completo para serem quem são, perdem o lugar no topo da pirâmide quando falamos de sexualidade e identidade de gênero, que é ser um homem hétero e cisgênero. Dessa forma, quanto mais distante do ser humano ideal, nesse caso sendo branco e rico também (além de hétero e cis), mais violenta é a reação dos intolerantes.

⁶ "Remete aos estudos de gênero do último terço do século XX e tem, como uma de suas contribuições, o campo aberto pelas discussões feministas, desnaturalizadoras do vir a ser mulher e homem." (ZANELLO, 2018, p. 177)

⁷ Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+. mai. 2021. **O Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil**. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2021/>. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

⁸ ANTRA. 2022. **Dossiê de Assassinatos e Violências contra travestis e transexuais brasileiras 2022**. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

⁹ Estadão. 1 de jul. 2021. **Está em marcha uma revolução de mudança das vivências trans**. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/inconsciente-coletivo/esta-em-marcha-uma-revolucao-de-mudanca-das-vivencias-trans/>. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

sobrevivência e 78% dos assassinatos de travestis e mulheres trans são direcionados a profissionais do sexo¹⁰.

É importante ressaltar que quando falamos de raça e classe social o número de violências diárias sofridas por pessoas LGBTQIAP+ também aumenta. Segundo uma matéria do G1: “Uma pesquisa inédita analisou as notificações de violência contra a população LGBT brasileira entre 2015 e 2017 e verificou que metade das agressões teve pessoas negras como alvo.”¹¹. Além de enfrentar a LGBTfobia, pessoas LGBTQIAP+ pretas enfrentam o racismo¹², às vezes dentro da própria comunidade. Quanto às pessoas das classes mais baixas de renda, a negligência do estado sempre esteve presente em diversos aspectos. Na saúde, mais especificamente, na pandemia isso não foi diferente, pois segundo a manchete do Poder 360: “Mortalidade por covid-19 é maior nas regiões mais pobres”¹³.

Além das violências fora de casa, pessoas LGBTQIAP+ no Brasil também têm que se preocupar com o que pode acontecer caso suas famílias saibam de sua sexualidade e/ou identidade de gênero, já que 35,5% das mortes de LGBTIs ocorreram dentro de suas casas em 2019. E no caso de pessoas que não tem lar, 19% da população de rua foi impedida de ser atendida em centros de acolhimento em 2019 por conta da orientação sexual ou identidade de gênero¹⁴.

Após esses números gritantes, é possível concluir que o Brasil está longe de ser um lugar adequado para se morar sendo LGBTQIAP+. Porém a LGBTfobia não

¹⁰ Dados também retirados do **Dossiê de Assassinatos e Violências contra travestis e transexuais brasileiras 2022**

¹¹ G1. 15 de jul. de 2020. **Negros são alvo de metade dos registros de violência contra a população LGBT no Brasil**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/07/15/negros-sao-alvo-de-metade-dos-registros-de-violencia-contr-populacao-lgbt-no-brasil-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

¹² De acordo com Silvio Almeida, o racismo “é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam” (ALMEIDA, 2019, p. 25).

¹³ Poder360. 21 de jan. de 2021. **Mortalidade por covid-19 é maior nas regiões mais pobres, mostra estudo**. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/mortalidade-por-covid-19-e-maior-nas-regioes-mais-pobres-mostr-a-estudo/>. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

¹⁴ Casa Vogue. 8 de jun. de 2020. **Fora de casa: vida dos LGBTs expulsos pela família e acolhidos na rua**. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Cidade/noticia/2020/06/fora-de-casa-vida-dos-lgbtis-expulsos-pela-familia-e-acolhidos-nas-ruas.html>. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

é um problema apenas nacional, o simples ato de sair do armário pode te levar a pena de morte em 13 países: Sudão, Irã, Arábia Saudita, Iêmen, Mauritânia, Afeganistão, Paquistão, Catar, Emirados Árabes Unidos, Iraque, partes da Síria, partes da Nigéria e partes da Somália¹⁵.

Pelos dados apresentados acima, se prova a importância de pesquisar a existência LGBTQIAP+ no Brasil. E no que concerne à comunicação social, este memorial se faz importante como produto final de curso, pois são nos meios de comunicação que estereótipos são formados, que dados como os que eu utilizei acima são divulgados, que propagandas normalizando a vivência LGBTQIA+ são construídas, que denúncias sociais são feitas e que padrões de comportamento são moldados.

Além disso, foi através dos estudos e dos veículos de comunicação, como Lampion da Esquina, ChanacomChana e o boletim do Grupo Gay da Bahia que o movimento ganhou força e notoriedade para conseguir feitos como a retirada de “opção sexual” (atualmente chamada de “orientação sexual”) da lista de doenças pelo Conselho Federal de Psicologia em 1985, antes mesmo da OMS retirar de sua lista de doenças em 1990¹⁶.

Há também uma justificativa de caráter artístico. “A ideia que se *tem* de escrever, quase como uma obrigação moral, incorpora a crença de que a história pode ‘ser interrompida, transformada e apropriada através da prática artística e literária.’” (KILOMBA, Grada, 2019, p 27 apud hooks, 1990, p.153). Nesse trecho, falando sobre a descolonização das práticas artísticas e literárias para a mudança de uma sociedade historicamente racista, bell hooks inspira a acreditar que a arte, a pesquisa e a escrita são armas poderosas de transformação.

Utilizando conceitos artísticos e comunicacionais explorados durante a Graduação de Publicidade e Propaganda, como fotografia, iluminação, produções

¹⁵ Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+. Mai.de 2021. **O Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil**. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2021/>. Acesso em: 12 de jul. 2022.

¹⁶ Carta Capital. 17 de mai. de 2020. **Há 30 anos OMS retirava homossexualidade da lista de doenças**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/ha-30-anos-oms-retirava-homossexualidade-da-lista-de-doenças/>. Acesso em: 3 de set. de 2022.

visuais, pesquisa qualitativa, *storytelling* e cronograma, pretendo através desse ensaio fotográfico e fotozine expressar o peso individual do armário, levantar um debate importante para pessoas que sabem ou não sobre o assunto aqui tratado e representar não só as cinco pessoas que entrevistei, mas diversas pessoas da comunidade LGBTQIAP+.

4. Objetivos

4.1 Objetivo Geral

Esta pesquisa tem como objetivo embasar a criação de uma Fotozine que represente os impactos que o peso do armário teve e tem na vida de cinco pessoas LGBTQIAP+ diferentes. Especificamente, o estudo teve como objetivos:

4.2 Objetivos específicos

- a) Conceituar armário no contexto LGBTQIAP+;
- b) Contextualizar o movimento LGBTQIAP+ no Brasil;
- c) Conscientizar pessoas heterossexuais cisgênero acerca do impacto que o armário tem;
- d) Fazer pessoas LGBTQIAP+ se sentirem vistas;
- e) Formular e aplicar uma entrevista sobre o armário na vida de cinco pessoas LGBTQIAP+;
- f) Produzir cinco ensaios de fotos roteirizados com base nas respostas das entrevistas;
- g) Produzir um material visual impresso com as fotos devidamente editadas;

5. Quadro Referencial Teórico

5.1 Armário

Para a execução do projeto "Meu Querido Armário" a investigação acerca do conceito de "armário" foi imprescindível. Não há um material extenso disponível

sobre o que é exatamente e o que existe concerne, em sua maioria, a um armário estadunidense. A própria frase "sair do armário" é uma tradução do inglês "*come out of the closet*". Segundo o historiador gay, cis, branco e estadunidense, George A. Chauncey¹⁷, a expressão apareceu no final dos anos 60, nos Estados Unidos. Para o autor, esse dizer surgiu da junção de duas outras frases: "*come out*" (em português, "se revelar") era utilizado para se referir à debutantes, que em 1920, nos EUA se apresentavam à sociedade como objetos para atrair seus futuros maridos; a outra sentença era "*skeletons in the closet*" (em português, "esqueletos no armário") que era sinônimo de ter um segredo motivo de muita vergonha. Logo, sair do armário significaria revelar um segredo vergonhoso. Eve Kosofsky Sedgwick complexifica a discussão ao definir armário como um dispositivo que regula a vida de pessoas LGBTQs em uma lógica binária onde dentro do armário sempre seria a parte ruim, errada, escondida, e fora a parte boa, certa e pública (SEDGWICK, 1990).

Porém, anteriormente a isso, a partir do momento que começaram as tentativas de definir esse ser diferente da norma, que seria mais tarde chamado de "homossexual", trazendo em sua significação a transgressão da regra, já foi criada uma esfera de punição, preconceito e medo favorável para um LGBTQIAP+querer se manter em segredo. No final do século XIX, essa discussão se acalenta entre os pensadores europeus, "o período situado aproximadamente entre Wilde e Proust foi pródigo em tentativas de nomear, explicar e definir esse novo tipo de criatura, a pessoa homossexual" (SEDGWICK, 1990, p. 42). Essa necessidade de nomear o "outro" era tão intensa que foram capazes de nomear o que seria a própria regra: "projeto tão urgente que produziu, em sua ânsia de distinções, uma categoria ainda mais nova, a da pessoa heterossexual" (SEDGWICK, 1990, p. 43).

Nesse mesmo século, ocorre uma mudança entre Foucault e outros pensadores europeus na dinâmica de entender a sexualidade. Deixa de ser algo relacionado limitadamente à genitálias e atos genitais, como se qualquer pessoa estivesse sujeita a praticar tais atos se não tivesse controle, e passa a ser

¹⁷ Super Interessante. 9 de out. de 2018. **Como surgiu a expressão "sair do armário"?**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-surgiu-a-expressao-sair-do-armario/>. Acesso em: 20 de jul. de 2022.

relacionada com identidade e personalidade, criando a possibilidade de se identificar um homossexual sem a presença de qualquer atividade genital (SEDGWICK, 1990).

Essa separação entre o normal (heterossexual) e o diferente (LGBTQIAP+) é bem delimitada até os dias atuais, e pode ser percebida desde os primeiros momentos de vida, como foi o caso do entrevistado para esse produto Lucas Modesto que diz em seu relato: “desde criança eu me sentia como diferente. Eu acho que eu entendia a heterocisnormatividade e eu me entendia diferente disso, mas não entendia como.” Mesmo sem saber a nomenclatura de armário ou heterocisnormatividade, na primeira infância ele já conseguia se encaixar no papel de “errado” da história e sentir o peso do armário, “Eu cheguei em casa e ele me deu uma surra e falou: ‘vou te dar uma surra que você nunca mais vai esquecer’. E nesse momento, eu já entrei no armário, com 4 anos”, diz Lucas, se referindo à relação com o pai. Já na entrevista de Thayane Gabriele, há um relato diferente: “eu já sentia atração por homens, por meninas e meninos e nunca achei que era errado. Eu fui descobrir que era errado quando eu tinha, sei lá, uns 12 anos, que eu entrei pra igreja e aí falaram: é errado”.

Apesar de suas diferenças, algo comum em opressões de orientação sexual, aparece tanto na história de Lucas, quanto na de Thayane: a igreja cristã interferindo na construção da sexualidade. Em um estudo sobre a reação dos professores em Portugal à implementação da educação sexual nas escolas, quando observam os fatores religiosidade¹⁸ e educação sexual juntos, percebem a influência da igreja na significação de sexualidade e gênero na vida das crianças e adolescentes: “A principal diferença entre a infância e a juventude está marcada na nossa cultura pelo início da sexualidade, ou melhor, pela capacidade de reprodução. Não é possível esquecermos que na cultura cristã, ambos os conceitos têm estado profundamente vinculados” (REIS; VILAR, 2004, p. 739). Em seus primeiros anos de vida, a pessoa que muito não sabe sobre si mesma, já sabe em quais moldes se encaixar “Com a

¹⁸ Toma-se a noção de religiosidade como uma experiência pessoal e individual de espiritualidade, construída a partir de vivências anteriores em instituições religiosas e fora delas. Desta forma, ela se diferencia do conceito de religião. A religião, de caráter mais institucional, teria uma influência profunda na forma de organizar a existência humana, já que ela se afirma para além daquilo que é material, natural, concreto e finito. (SILVA; BARBOSA, 2016, p. 133 apud VALENTE; SETTON, 2014, p.180)

ideia da sexualidade ligada ao pecado e tendo como principal objectivo a reprodução, continua a ser ensinado um código sexual baseado no medo do corpo.” (REIS; VILAR, 2004, p. 739).

Em meio à investigação que se fazia sobre o ser “não hétero”, o armário é desde o fim do século XIX um dispositivo de lógica binária que concede o espaço público aos héteros e o privado aos LGBTQIAP+ (SEDGWICK,1990). No século seguinte, quando surge o termo “*come out of the closet*”, esse instrumento de regulação do certo/público e errado/privado continua operando “O armário é a estrutura definidora da opressão gay no século XX.” (SEDGWICK, 1990, p. 26), em seu texto, a autora analisa alguns exemplos de homofobia institucional e penal que ocorreram nos Estados Unidos no final do século.

5.2 Armário Brasileiro

Paralelo a isso, no Brasil, o movimento LGBTQIAP+ganha força durante a Ditadura Militar através da criação de jornais voltados ao inicialmente público gay masculino, e posteriormente a outras letras da sigla, “Vale ressaltar que datar o surgimento de um movimento social pode ser uma tarefa difícil, pois, toda a militância homossexual do final dos anos 70 é resultado de um conjunto de ações que precedem o arranjo de uma militância coletiva e organizada.” (SOUZA, 2018, p.20). Por exemplo, a emergência de movimentos sociais no Brasil e no mundo, o movimento feminista, pautas tensionadas (valores morais e estéticos do capitalismo) pelos movimentos de contracultura nos anos 60 e a expansão dos centros urbanos que resultou na formação de grupos de socialização LGBTs “mesmo que ainda não estivessem organizados politicamente em torno de uma agenda de reivindicações, a consciência de categoria e de coletividade já estava se formando.” (SOUZA, 2018, p. 21).

A escolha dos jornais como meio de manifestação sobre o assunto acontece naturalmente, por ser a mídia de maior popularidade nos anos 60/70 (SOUZA, 2018). Como mencionado anteriormente na justificativa, os veículos de comunicação tiveram um papel imprescindível na história do movimento.

Em 1961, surge o primeiro grupo homossexual no Brasil, chamado a Turma do OK, entretanto, era um grupo de socialização e não militância (SOUZA, 2018 apud PÉRET, 2011). Ao contrário do armário, a formação desses grupos age “como um mecanismo de preservação da identidade individual para sustentar o convívio em uma sociedade que tende a excluir o comportamento desviante do padrão, neste caso o padrão heterossexista.” (SOUZA, 2018, p. 18).

Atualmente, o agrupamento por afinidades continua, durante as entrevistas foram feitas as seguintes perguntas: “Você tem pessoas LGBTQIAP+ nos seus ciclos mais próximos?” e “Você se sente mais confortável rodeado de pessoas LGBTQIAP+?”. E as respostas para as duas foram unanimemente sim, alguns tinham mais pessoas LGBTQIAP+ dentro do ciclo, outros menos, mas todos afirmaram ter e se sentirem mais confortáveis ao seu redor. Ao responder a segunda pergunta Thayane fala:

“quando você se coloca em ciclos de pessoas que são extremamente opostas a você, querendo ou não, por mais que as pessoas tenham afeição por você, gostem de você, sempre tem algum momento que algo vai se alinhar ali e eu acho que são estresses que a gente não precisa passar nas relações que a gente prioriza. Então, é um movimento que eu venho fazendo já faz um tempo, de me relacionar com pessoas que são parecidas comigo. Por exemplo, eu como mulher negra, enegreci muito o meu ciclo de amigos, hoje em dia, majoritariamente eu tenho amigos negros, e aí a mesma coisa com a questão de ser LGBT.”

Voltando a cronologia da história do movimento, com o surgimento de cada vez mais grupos, a necessidade de se expressar através de um jornal também cresceu. Além disso, a mídia impressa era dominada por boletins policiais que faziam questão de estigmatizar ao máximo pessoas LGBTs, principalmente travestis e homossexuais mais afeminados (SOUZA, 2018), que ainda são as maiores vítimas de violência.

Em um movimento de pontapé, o jornal “O Snob”, que circulou de 1963 até 1969 (quando encerrou atividades por conta da ditadura), divulgou entrevistas de travestis famosas durante seu período ativo, algo considerado progressista à época, “As edições tinham de trinta a quarenta páginas, e traziam ilustrações elaboradas, colunas de fofocas, concursos de contos e entrevistas com as famosas travestis da cena homossexual” (SOUZA, 2018, p. 19 apud GREEN, 2000).

O próximo jornal considerado um marco no movimento homossexual no Brasil, surge em 1978, o famoso “Lampião da esquina” que teve um sucesso imediato por produzir um conteúdo subversivo à estigmatização feita pela mídia tradicional até então, “O jornal revolucionou a imprensa direcionada para o público homossexual, colocando-se como um jornal político voltado para as questões das minorias, mais especificamente para a questão da homossexualidade.” (SOUZA, 2018, p. 22). No mesmo ano, se forma também o “Grupo Somos”, e para muitos, é após esses dois eventos que se inicia de fato o Movimento Homossexual Brasileiro. O jornal composto apenas por homens, fez uma nota na edição 0 referente a falta de mulheres “A ausência de mulheres em LAMPIÃO não é, fique bem explicado, por culpa do seu conselho editorial; convites não faltaram, todos recusados, mas nossas colunas continuam à disposição.” (SOUZA, 2018, p. 23 apud SILVA, 1978a), apesar disso, pautas sobre mulheres e feminismo estavam presentes no jornal. “Mais adiante, será possível observar como esse quadro se repete em outras circunstâncias durante essa fase inicial do movimento, o que evidencia uma relação de disparidade entre os homens homossexuais e as mulheres lésbicas.” (SOUZA, 2018, p. 25), por conta dessa e de outras questões com lacunas de diversidade, o movimento carregava nessa época, apenas o nome Homossexual.

Entretanto, o boletim não deixou de denunciar pautas de movimentos como o das travestis:

“Em uma matéria intitulada “Transexualismo: um julgamento moral”, o jornal trata a respeito da condenação do médico cirurgião Roberto Farina pelo juiz Adalberto Spagnuolo, o qual considerou que ele havia cometido o crime de lesão corporal dolosa de natureza gravíssima, após a realização de uma operação para mudança de sexo. A queixa partia da promotoria e não da suposta vítima, que, inclusive, havia se manifestado judicialmente favor do médico, relatando ter ganhado uma nova vida” (SOUZA, 2018, p. 25 apud SILVA, 1978b)

O movimento negro e o feminista:

“Com uma vasta reportagem, o jornal realizou a cobertura do Encontro Nacional de Mulheres (Rio de Janeiro) e discutiu, em suas páginas, temas como: feminismo, a situação da mulher negra, autonomia das mulheres sobre o próprio corpo, ilustrando a solidez das discussões, à época, em torno do feminismo” (SOUZA, 2018, p. 25-26 apud LAMPIÃO DA ESQUINA, 1979a)

Ainda na primeira edição do Lampião vinha o título “Saindo do Gueto”:

“[...] é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanes e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter. [...] LAMPIÃO deixa bem claro o que vai orientar a sua luta: nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito 23 que alguns nos querem impor – que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos.” (SOUZA, 2018, p. 22-23 apud O CONSELHO EDITORIAL, 1978).

Em seu livro “Negócio do Michê”, Nestor Oswaldo Perlongher busca investigar a relação entre a prostituição homossexual e o “Gueto Gay” do centro de São Paulo (PERLONGHER, 1984), apesar de os locais não atenderem a todos os critérios de gueto que Perlongher expõe. Posteriormente, Rhanielly Pereira afirma em seu trabalho a existência de um gueto gay carioca no século XX, “a criação de um gueto gay começava a se configurar de uma maneira ímpar no Rio de Janeiro” (PEREIRA, 2015, p. 34). Em ambos os casos, gueto era um eixo territorial ocupado por prostituição, principalmente de travestis e michês, e espaços de socialização entre LGBTs. Porém, em uma pesquisa recente sobre a relação de sexualidade e identidade de gênero com a dimensão espacial de São Paulo, Vinicius Santos Almeida afirma não existir um gueto gay em São Paulo, pois a segregação, que é o que define gueto, felizmente não ocorre nesse caso (ALMEIDA, 2015).

De qualquer maneira, o intuito de mencionar os possíveis “guetos gays” é uma analogia com o armário, onde é possível enxergar essa divisão de certo/errado, digno/sujo, público/privado de uma forma prática e geográfica. Os locais que para alguns eram os únicos possíveis de se expressar sexualmente, para outros a única opção de trabalho e sobrevivência, e ainda, para terceiros apenas espaços de socialização LGBT, faziam com que a noite se tornasse o lado errado, sujo e privado do armário e o dia ou outros locais o lado certo, digno e público, já que não haviam gays, bissexuais e travestis, apenas héteros cis.

Outro passo marcante na história brasileira do movimento LGBTQIAP+foi a criação do Grupo Somos em 1978, um coletivo de homens homossexuais interessados em discutir sexualidade, mais tarde também com integrantes mulheres (SOUZA, 2018). Além das opressões de sexualidade, o Grupo Somos se aproximava de pautas anti racistas: “o racismo era outro tipo de opressão ao qual o

Somos se opunha fortemente, em especial aos manifestados contra negros e indígenas. “ (SOUZA, 2018, p. 32).

Com a entrada de muitos membros, o Grupo Somos entra em crise de divergências internas em relação a diferenças de demandas políticas (SOUZA, 2018). Em 1980, se divide em dois novos grupos: o Grupo Lésbico-Feminista rebatizado mais tarde como GALF (Grupo de Ação Lésbio-Feminista) e o Grupo de Ação Homossexualista que posteriormente, passou a adotar o nome Outra Coisa (SOUZA, 2018 apud FACCHINI, 2002).

Outros grupos relevantes como o Grupo Gay da Bahia em 1980 e, posteriormente, o grupo Triângulo Rosa em 1985 (SOUZA, 2018 apud FACCHINI, 2002) também tiveram importante atuação no movimento LGBT. Justamente essa diversidade de grupos e pautas no movimento o deu uma força vital: “A heterogeneidade do movimento, que, em momentos anteriores, foi responsável por conflitos e cisões, também contribuiu para a ramificação do movimento em diferentes linhas de atuação, o que garantiu sua sobrevivência.” (SOUZA, 2018, p. 35). Uma força que seria necessária para batalhas posteriores, como a AIDS.

O Grupo Gay da Bahia alertou sobre a AIDS, ainda não presente no Brasil, em 1982, com a seguinte manchete : “A ‘Peste Rosa’ mata os gays”. Ao longo da matéria, há mais detalhes sobre o que era a doença e a diminuição do sensacionalismo da manchete, visto que só haviam 2 casos da doença fora da América do Norte, na França (SOUZA, 2018). Por uma das pautas do movimento ser a liberdade sexual e pelo amedrontamento em torno do desconhecido e do estigma (formado por veículos de comunicação, como mencionei na justificativa), ocorre um movimento de recuo “O medo oriundo da falta de informações e do julgamento moral fez com que os homossexuais se recolhessem, cada vez mais, aos guetos de onde recentemente estavam, com muito esforço, saindo” (SOUZA, 2019, p. 36).

Ou seja, através da propagação de estigmas em forma de “ciência” ocorre o fechamento das portas de um armário afirmativo e empoderador que estava em ascensão. O armário que toma conta agora é o que se assemelha a uma “caça às

bruxas”¹⁹, onde o resto da sociedade persegue pessoas que têm a AIDS e os forçam a assumir sua possível sexualidade diferente da norma: “As pessoas, quando adquiriam o vírus, eram automaticamente associadas às práticas homoeróticas e quando, de fato, elas eram verdadeiras, esses indivíduos acabavam se assumindo publicamente como homossexuais ou bissexuais” (SOUZA, 2018, p. 38).

Outro veículo interessante de ser mencionado é o “Chanacomchana”, boletim lésbico dos coletivos “Lésbico-Feminista – LF” (1979-1981) e “Ação Lésbica-Feminista – GALF” (1981-1989). Em uma matéria de 2019 do Observatório G da Uol, Ketryn Carvalho diz: “esse boletim era uma espécie de fanzine, e aglutinava colagens bem progressistas e revolucionárias. Sempre tematizava questões femininas, especialmente lésbicas” (CARVALHO, 2019). O jornal era sempre vendido no “Ferro’s bar” em São Paulo, lugar comumente frequentado por lésbicas, porém “as publicações não foram aprovadas pelo dono do bar, o que resultou na expulsão das mulheres em 1983” (CARVALHO, 2019). Como forma de protesto contra a expulsão, elas começaram a frequentar o bar todo dia 19 de agosto, que é hoje o Dia do Orgulho Lésbico em São Paulo.

Posteriormente, durante encontros e seminários do movimento, outras letras foram adicionadas à sigla LGBTQIAP+. Algumas sexualidades e identidades de gênero adicionadas já existiam, porém por diversos motivos como invisibilização, recortes de raça e classe, não estavam sob holofotes. O movimento evoluiu para o que é hoje com diversas dissidências de sexualidade e gênero²⁰. Atualmente, já existem algumas mudanças em relação à quantidade de pessoas assumidas, direitos constitucionais e estigmas, mas há ainda muito da herança histórica.

Não há um significado concreto do que seria o armário brasileiro, mas nesse trabalho foram exploradas narrativas que se passam no Brasil, logo a contextualização do movimento e suas barreiras se fez importante. O período da história LGBTQIAP+aqui relatado abrange o surgimento das primeiras ações

¹⁹“Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa, a expressão «caça às bruxas» significa «perseguição sistemática de um governo ou de um partido aos seus adversários políticos». A sua origem deve remontar ao período em que era corrente perseguir pessoas por motivos religiosos e políticos, com o pretexto de que praticavam bruxaria, o mesmo é dizer que, alegadamente, tinham pacto com forças demoníacas.” (ROCHA, 2006)

²⁰ Para ver mais sobre a história do movimento LGBT brasileira ler “História do Movimento LGBT no Brasil” de James N. Green, Renan Quinalha, Marcio Caetano e Marisa Fernandes.

coletivas de autoafirmação em forma de comunidade no Brasil, esse início da organização pelo direito de poder existir fora do “armário” utilizou técnicas de Comunicação como divulgação e produção de boletins para emergir, Meu Querido Armário, como produto comunicacional, aspira dar continuidade e força ao movimento.

5.3 Abordagem Metodológica

Dentro da pesquisa qualitativa existem algumas possibilidades: a etnografia, a pesquisa documental e o estudo de caso (GODOY, 1995). No caso do produto “Meu Querido Armário” em que o objetivo eram ensaios personalizados com a história de cada modelo, o estudo de caso foi adequado por ser utilizado quando o objeto de estudo é uma unidade que precisa ser analisada profundamente.

A pergunta principal a qual eu queria responder com meu estudo sobre aqueles cinco indivíduos específicos era: Como o símbolo do armário afetou a sua trajetória até aqui? E ainda segundo Arilda Schmidt Godoy:

“O estudo de caso tem se tornado a estratégia preferida quando os pesquisadores procuram responder às questões “como” e “por quê” certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto de vida real” (GODOY, 1995, p. 25).

Os outros aspectos apresentados: pouca possibilidade de controle e fenômenos atuais; também estavam presentes.

Assim como ilustrado na justificativa deste memorial: “Ainda que os estudos de caso sejam, em essência, pesquisa de caráter qualitativo, podem comportar dados quantitativos para aclarar algum aspecto da questão investigada.” (GODOY, 1995, p. 26).

“Meu Querido Armário” utiliza imagens e citações para ilustrar a mensagem captada em entrevistas. Já que o estudo de caso:

“Tem como técnicas fundamentais de pesquisa a observação e a entrevista. Produz relatórios que apresentam um estilo mais informal, narrativo, ilustrado com citações, exemplos e descrições fornecidos pelos sujeitos, podendo ainda utilizar fotos, desenhos, colagens ou qualquer outro tipo de material que o auxilie na transmissão do caso.” (GODOY, 1995, p. 26).

Também houve uma pesquisa documental de materiais primários e secundários tanto para auxiliar na conceitualização de armário e contextualização do movimento LGBTQIAP+no Brasil, quanto para produção dos ensaios:

“A palavra ‘documentos’, neste caso, deve ser entendida de uma forma ampla, incluindo os materiais escritos (como, por exemplo, jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, cartas, memorandos, relatórios), as estatísticas (que produzem um registro ordenado e regular de vários aspectos da vida de determinada sociedade) e os elementos iconográficos (como, por exemplo, sinais, grafismos, imagens, fotografias, filmes). Tais documentos são considerados ‘primários’ quando produzidos por pessoas que vivenciaram diretamente o evento que está sendo estudado, ou ‘secundários’, quando coletados por pessoas que não estavam presentes por ocasião da sua ocorrência” (GODOY, 1995, p. 22)

Em resumo, esse produto foi construído através de entrevistas individuais feitas com cinco pessoas diferentes e consulta a obras científicas, jornais, fotos e vídeos.

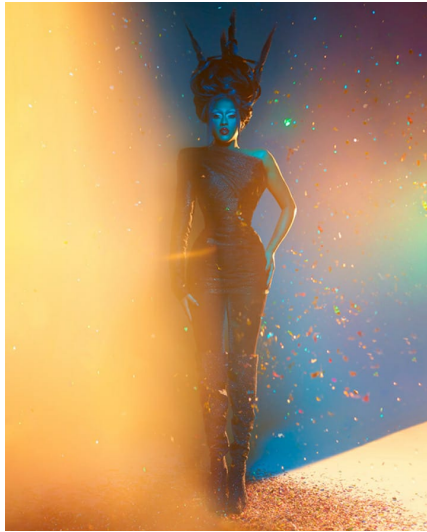
5.4 Estética

Para se concretizar como uma fotozine, o projeto teve a necessidade de uma ampla pesquisa referencial visual que foi afinada à medida de seu andamento. Esse processo será melhor descrito no desenvolvimento.

Na parte da fotografia foram escolhidas referências individuais em cada ensaio, mas uma forte referência geral para o projeto foi o fotógrafo canadense Matthew Guido²¹ pelo uso de luz, cor e maquiagem em suas criações:

Figura 1 - Mathew Guido

²¹ Perfil do fotógrafo no Behance, onde as fotos foram encontradas:
<https://www.behance.net/mathewguido>.



Fonte: Mathew Guido, 2022

Figura 1 - Mathew Guido



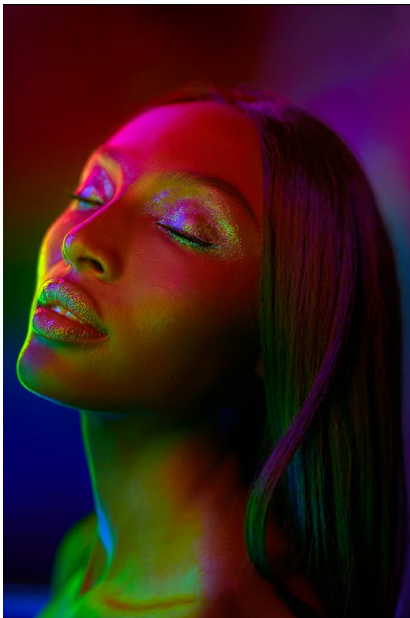
Fonte: Mathew Guido, 2022

Figura 3 - Mathew Guido



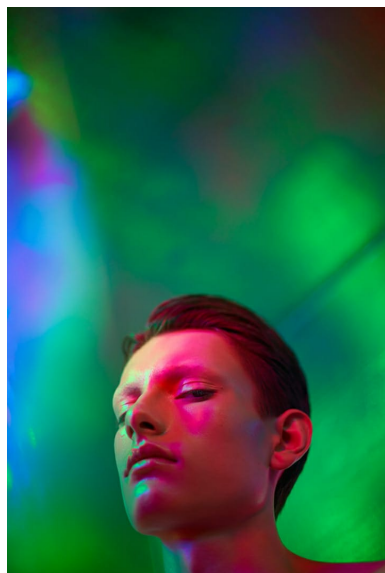
Fonte: Mathew Guido, 2022

Figura 4 - Mathew Guido



Fonte: Mathew Guido, 2022

Figura 5 - Mathew Guido



Fonte: Mathew Guido, 2022

Figura 6 - Mathew Guido



Fonte: Mathew Guido, 2022

Já para a identidade visual e diagramação da Fotozine a inspiração veio de uma publicação chamada “Ni nena ni ne” de Drew Romero²². Trata-se de um

²² Perfil no Behance, onde achei o projeto:

<https://www.behance.net/gallery/109133101/Ni-nena-ni-nen-photobook>

Photobook sobre a infância e atualidade de pessoas trans em desencaixe com o eixo cisbinário²³ de gênero.

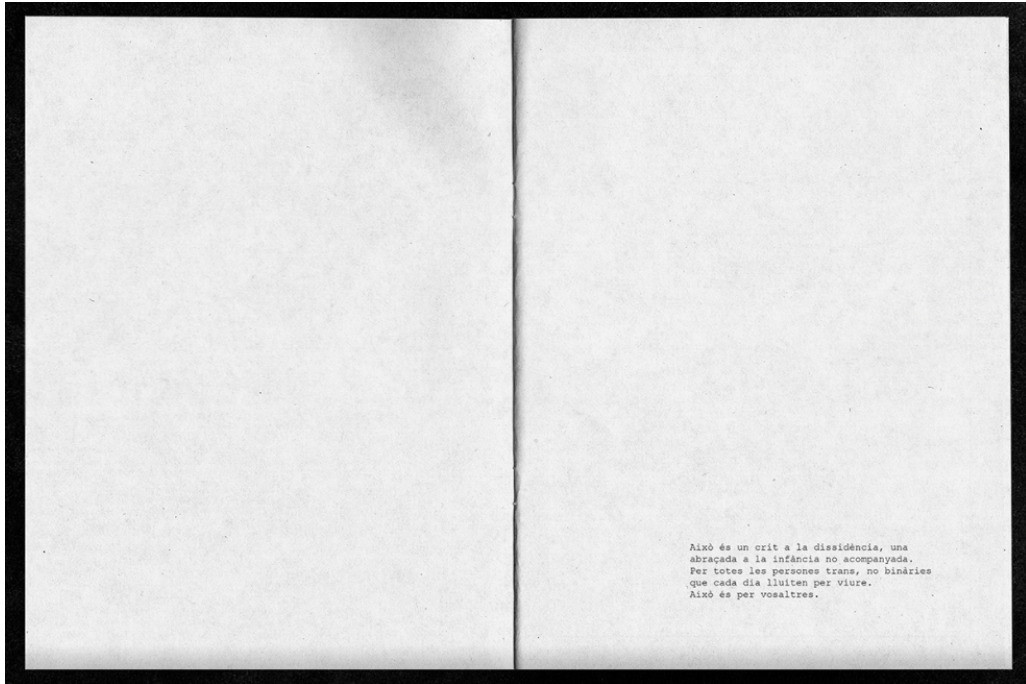
Figura 7 - Photobook “NI NENA NI NEN”



Fonte: Drew Romero, 2020

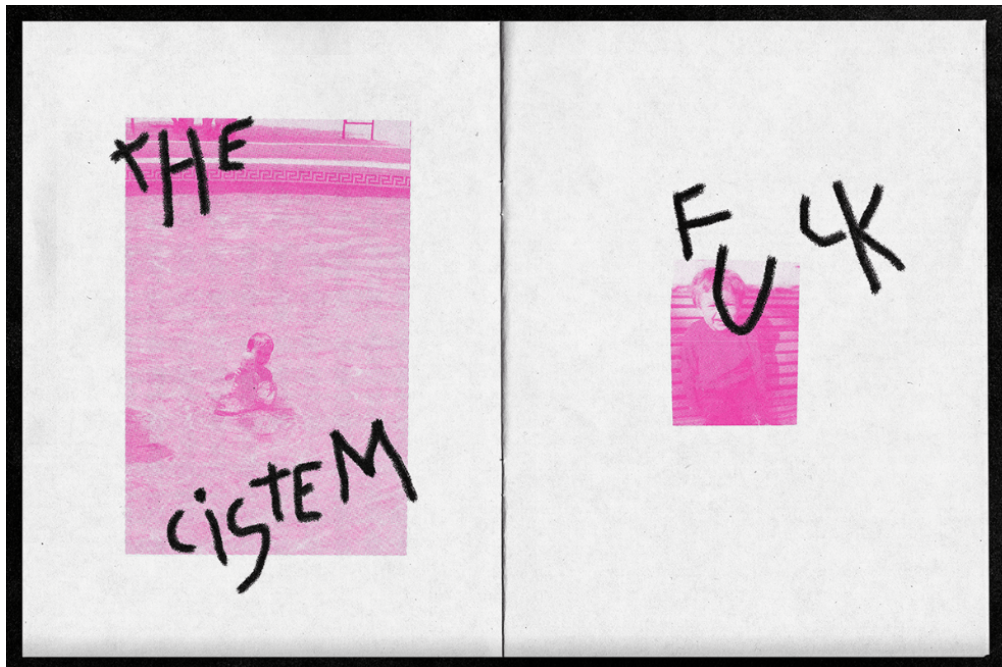
Figura 8 - Photobook “NI NENA NI NEN”

²³ Divisão sistemática da sociedade em dois gêneros que são designados a partir da genitália no nascimento: homem cis e mulher cis.



Fonte: Drew Romero, 2020

Figura 9 - Photobook "NI NENA NI NEN"



Fonte: Drew Romero, 2020

Figura 10 - Photobook “NI NENA NI NEN”



Fonte: Drew Romero, 2020

6. Metodologia

Para a construção de um produto que transmitisse narrativas individuais, o estudo de caso se fez importante. A partir da atenção dada a cada história é que se possibilitou a construção de ensaios personalizados. Ademais, a contextualização da relação do grupo LGBTQIAP+, que conecta as narrativas dos(as) entrevistados(as) entre si, com o resto da sociedade através da pesquisa documental também contribuiu para a coesão da produção final “No paradigma qualitativo, pressupõe-se que as formas humanas de agir, pensar, sentir, se relacionar e se organizar em grupos são fenômenos complexos, imprevisíveis, irreplicáveis e sempre vinculados a um contexto específico de ocorrência” (LEITÃO, 2021, p. 4).

Logo, o desenvolvimento das fotos se inspirou em entrevistas, definidas como “um diálogo entre duas ou mais pessoas: entrevistador(es) e entrevistado(s). O principal objetivo é extrair declarações e informações sobre determinado assunto.” (LOPES, 2018).

Dentro disso, temos algumas dimensões: "As entrevistas apresentam três dimensões a partir das quais podemos compreender algumas de suas características específicas: a dimensão temporal, a dimensão espacial e a dimensão estrutural." (LEITÃO, 2021, p. 7). Em relação à primeira dimensão, a entrevista é síncrona e interativa, diferindo-se de um questionário. No que diz respeito à segunda dimensão temos a entrevista presencial e a não-presencial. E sobre a terceira dimensão, temos as entrevistas livres, semiestruturadas e estruturadas (LEITÃO, 2021).

Para conceber o "Meu Querido Armário" as entrevistas apropriadas foram as presenciais, visto que para compreender o real impacto de uma história de saída ou estadia de armário era necessário ter um contato olho no olho, pois "O contato face-a-face, com interação em linguagem oral, favorece ainda a fala espontânea e menos sujeita à censura" (LEITÃO, 2021, p. 8). E semiestruturadas "por conciliarem um certo grau de comparabilidade entre o depoimento dos participantes e um espaço para a espontaneidade na emergência de significados não previstos." (LEITÃO, 2021, p. 8).

Essas entrevistas foram realizadas no período de junho a julho de 2022, com 5 participantes e todas foram individuais, com a participação somente de uma entrevistadora (eu) e um entrevistado(a) em cada uma delas. Os locais e horários foram combinados com cada entrevistado de acordo com a conveniência e conforto.

Para a formulação das perguntas foram estabelecidos alguns princípios básicos como a padronização das perguntas, pois "o roteiro de uma entrevista semiestruturada é elaborado para que todos os itens ou perguntas integrem todas as entrevistas realizadas, garantindo a análise comparativa subsequente" (LEITÃO, 2021, p. 12). Assim os ensaios poderiam se conectar em prol da coerência do trabalho final.

O roteiro das entrevistas foi dividido em dois blocos: perguntas gerais que tinham o objetivo de contextualizar a entrevistadora e fazer o(a) entrevistado(a) relembrar a sua narrativa com o armário; e perguntas sensoriais onde eram utilizadas técnicas como ambientação com música, fechar os olhos, imaginar e descrever cenário. "A divisão do roteiro em blocos temáticos, que agrupam itens ou

perguntas de assuntos semelhantes, apoiam o aprofundamento do tema e ajudam a guiar o entrevistado no percurso reflexivo e exploratório da entrevista.” (LEITÃO, 2021, p. 12).

O roteiro foi elaborado de forma que o primeiro passo eram instruções feitas pela entrevistada, dada ao entrevistado(a). Após as instruções, a gravação de áudio era iniciada e as perguntas também, não haviam perguntas quebra-gelo, pois havia uma relação de proximidade com todos os(as) entrevistados(as), então uma conversa mais livre se fez presente em todas as situações, as perguntas começavam a imergir no tema progressivamente, para não haver uma quebra repentina na conversa.

A opção pela gravação de áudio foi feita para facilitar a transcrição das entrevistas. “Muito embora a fase de transcrição tenha uma carga intensa de trabalho ‘braçal’ (referente à atividade de transpor para o suporte escrito o áudio das entrevistas), ela já é em si mesma uma tarefa reflexiva e analítica” (LEITÃO, 2021, p. 20 apud BOURDIEU; 1998; GIBBS; 2009). Depois da transcrição, que já é uma imersão no tema, foi feita uma “leitura livre da íntegra dos conteúdos das entrevistas, de modo a obter visão de conjunto e familiaridade com os dados.” (LEITÃO, 2021, p. 20).

Por fim, houve uma análise dos dados com o objetivo da construção de um roteiro para o ensaio fotográfico e a retirada de aspas “emblemáticas” para possivelmente integrar a parte textual da fotozine.

Concomitante a isso, a pesquisa documental sobre o armário, o movimento LGBTQIAP+no Brasil e a estética foram constantes. Tudo que será apresentado no desenvolvimento do produto foi embasado nas entrevistas e na pesquisa documental.

7. Produto

O desenvolvimento do produto ocorreu em 8 etapas:

7.1 Ideia

Durante a matéria de Comunicação e Diversidade da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, houve o primeiro contato com o texto “Epistemologia do Armário” de Eve Kosofsky Sedgwick. Para alguém que já se aproximava de produções de caráter artístico e estudos sobre a comunidade LGBTQIAP+, pensar o armário como um objeto de estudo foi inspirador.

A partir daí, houve uma etapa de Brainstorm e busca de referências que resultou na ideia embrionária de fazer uma “representação visual do impacto do armário”, restava decidir qual o formato dessa representação. À medida que o estudo de referências e conversas sobre o possível tema prosseguiu, a ideia tomou forma como ensaios fotográficos baseados em entrevistas.

Essa busca de referências visuais e textuais que ocorreu principalmente na internet e em conversas informais com pessoas LGBTQTs, resultou em um documento de 30 páginas com imagens, links e citações. Esse material foi todo analisado e comentado.

7.2 Cronograma

Por se tratar de um período semestral mais curto na Universidade, devido às consequências da pandemia, a organização de um cronograma foi necessária:

	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro
Busca de Referências	x	x	x	x	x	
Determinação dos objetivos		x				
Escolha de fonte e forma de coleta de dados		x	x			
Coleta de dados (entrevistas)			x			
Análise e interpretação dos dados				x		

Produção dos ensaios e produto visual final				x	x	
Produção do documento				x	x	
Impressão e revisão da redação						x
Preparação para defender a tese						x

O cronograma conseguiu ser seguido sem grandes alterações. Um diário de pesquisa também auxiliou a produção e distribuição de tempo. Após a busca de referências, a definição da estrutura do projeto e o planejamento do tempo necessário, começou uma imersão na construção e aplicação das entrevistas.

7.3 Entrevistas

Consequente aos estudos sobre entrevistas apresentados nesse documento no item Abordagem Metodológica (5.3), e na parte de Metodologia (6), defini quem iria entrevistar, o porquê de entrevistar e o formato da entrevista: presencial e semiestruturada.

O primeiro passo para o surgimento das perguntas foi revisitar as anotações das referências que já tinha lido e começar a escrever todas as perguntas que vinham à cabeça, de forma mais livre. Ao chegar a uma quantidade de 100 perguntas resolvi começar a reler e diminuir o grupo, fiz isso cerca de 5 vezes até chegar a 33 perguntas finais.

Com as perguntas escolhidas, ocorreu uma organização da entrevista. De primeira impressão, foi possível perceber que elas se dividiam em dois grandes blocos: um de contextualização da experiência que aquela pessoa teve com o armário e outro mais criativo onde as respostas não eram memórias, mas sim o que se podia imaginar agora que as relembramos. Chamei-as de parte contextualizadora e parte sensorial.

O primeiro bloco foi o da parte contextualizadora, as perguntas visavam descobrir como essa relação com o “armário” se fez presente na vida dos(as) entrevistados(as), portanto não poderiam ser organizadas de forma cronológica, já que cada um teve uma relação diferente da outra. Então essa parte foi organizada como uma conversa natural, uma pergunta que levava a outra e às vezes as respostas de uma pergunta já estavam na anterior. Os questionamentos iam de mais rasos para mais profundos e de perguntas mais diretas para mais abertas. Sendo a última pergunta um momento de relaxamento para a transição de blocos. Durante as entrevistas, pude escolher pular perguntas que já haviam sido respondidas ou acrescentar pequenas mudanças para ressaltar um detalhe que gostaria de saber mais.

O outro bloco vinha em seguida, nele eu pedia que o entrevistado(a) fechasse os olhos e imaginasse o seu armário e alguns cenários. No momento final, eu entregava um fone, colocava uma *playlist* que foi feita para a entrevista e utilizada em todas, essa *playlist* tinha cinco músicas instrumentais, cada uma combinava com um dos ambientes que descrevi. Por ser um produto de caráter artístico, essas perguntas "sensoriais" foram grandes facilitadoras do processo de criação, já que desde a entrevista convidei meus modelos(as) e entrevistados(as) a criarem comigo.

A entrevista se findava depois dessa parte com as músicas, já que era um momento mais descontraído que o restante das perguntas. Por respeito à privacidade dessas narrativas e devido à falta de necessidade eu resolvi não expor as entrevistas na íntegra, mas eu retirei “aspas emblemáticas” que poderiam aparecer no produto final de cada uma e aprovei com essas pessoas.

A primeira entrevista foi na verdade um teste tão bem sucedido que foi incluído no trabalho final. Essa entrevista com Ma Puzzilli ocorreu no dia 22 de junho de 2022, na minha casa, na parte da manhã, durou em torno de 30 minutos e foi transcrita no dia seguinte. As falas retiradas da entrevista para a construção do roteiro do ensaio foram:

“Eu acho que isso sempre foi uma regulação, no sentido de que eu não queria ser aquilo, pelo simples fato de estar saindo da boca das pessoas como um xingamento.

Eu já saí do armário também para algumas pessoas, várias pessoas na verdade, a maioria delas, mas têm algumas instâncias em que sair do armário sobre isso é mais difícil e eu ainda não fiz.

Acho que a gente tá sempre saindo do armário sobre várias coisas se a gente pensar essa saída do armário como alguma coisa nossa que a gente vai expor para o mundo.

as pessoas não querem que pessoas LGBTQs existam, ainda mais pessoas trans.

Acho que a própria existência como uma pessoa não binária não é entendida, é uma dificuldade, você tem que ficar se explicando a todo momento só por existir como você é.

Sair do armário é o começo dos problemas. Quer dizer, ele pode ser a solução de muitos problemas também, porque viver em segredo é uma merda.

Sair do armário é colocar a cara a tapa e literalmente receber tapa.”

A segunda entrevista foi com uma pessoa que não quis ser identificada, vou tratar dela aqui e no produto como “Anônimo 2”, pois é a segunda pessoa que aparece na Photozine que não quis ser identificada. Essa entrevista ocorreu no dia 27 de junho de 2022, na casa da pessoa e foi transcrita no dia seguinte. As falas destacadas foram:

“medo de represálias, preconceito, de não aceitação das pessoas. Não é nem tanto da sociedade em si, no geral, mais da minha família, porque eles me amam, mas não sei se me amariam como amam agora se eles soubessem de mim.

desconfiam porque ninguém é idiota, mas saber oficialmente da minha boca não.

eu quero muito poder me mostrar, ser eu sem ter medo disso, não é vergonha, eu tenho medo de ser quem eu sou pra eles, da aceitação deles. E ao mesmo tempo, causa uma sensação de pavor, o que vem depois eu não sei. Tá, eu sou lésbica, e aí? Como é que eles vão reagir em relação a isso? Como é que eles vão continuar me acolhendo? Como é que eles vão continuar me enxergando? Sabe? Para além do que eles acham que eu sou.

Então, eu tenho um certo, sei lá, medo desse depois.

Eu não tenho uma figura LGBTQ que eu diga: “Ah, eu quero alcançar tanto quanto ela”. Minha representação é mais em questão de negritude.

Ter que viver um personagem eu acho que é uma das piores dores em ser LGBTQ.

Eu me vi sentada numa cadeirinha de balanço. Num lugar como se fosse um quintal enorme, com folhas no chão, jardimzinho, várias árvores, vento

batendo, recebendo uma luz do sol, raios de sol entrando, passarinhos cantando, coisas assim sensações de natureza.

Se conseguisse visualizar esse armário, como ele seria?

Eu vejo um armário de madeira, madeira escura e eu vejo ele com duas maçanetas redondas. Nas portas não é tudo fechado, tem uma parte de são buraquinhos para entrar ar, como se fosse um confessionário de um padre, é como se eu tivesse ali atrás escondida, vendo o que está acontecendo por fora, querendo sair e com medo de querer sair.

Ao pensar em você dentro desse armário, o que sente? (Nomeie e liste emoções)

Sinto uma ansiedade, sinto medo, sinto insegurança. Acho que são essas três coisas que eu sinto.

Quais cores vem à cabeça?

Cinza e preto.

Ao pensar em você saindo, o que sente? (Nomeie e liste emoções)

Sinto tranquilidade, paz, aceitação, felicidade, realização.

Quais cores vem à cabeça?

Tudinho. Um arco íris.

Qual seria um sinônimo de sair do armário? E de armário?

Liberdade. Prisão.”

A terceira entrevista foi com Lucas Modesto em 28 de junho de 2022, em sua casa, transcrita no dia seguinte. As falas principais foram:

“Eu acho que eu entendia a heterocisnormatividade e eu me entendia diferente disso, mas não entendia como.

mas a sexualidade e a identidade de gênero, é um espectro também, eu acho que a gente, tava até pensando sobre isso ontem, que a gente performa da mesma forma, sempre, a vida toda e até em um mesmo momento em ambientes diferentes a gente é mais feminino, a gente é mais masculino, quando estou só com amigos homens héteros, eu sou mais masculino, quando estou só com amigas mulheres eu fico mais sensível, mais vulnerável, eu me permito me abrir mais, sabe? Então é uma coisa mais fluida do que se parece.

a gente todo dia acorda e sabe que vão ter que sair do armário, e isso, fugir da norma, norma héterocisnormativa, é decepcionar certas pessoas, então todo dia a gente acorda sabendo que vai decepcionar algumas pessoas

Eu cheguei em casa e ele me deu uma surra e falou: ”vou te dar uma surra que você nunca mais vai esquecer”. E nesse momento, eu já entrei no armário, com 4 anos

Apesar de você se mostrar vulnerável quando sai do armário e meio que perdido assim, de certa forma porque você se sente abandonado pelas pessoas que tavam com você, você também encontra uma nova comunidade e são pessoas que incrivelmente tiveram trajetórias parecidas e tem gostos parecidos

acho que o armário é um lugar onde minha mãe quer que eu volte, mas é literalmente impossível, não existe possibilidade, está muito distante de mim. Eu não julgo o momento que eu estive no armário também, porque naquele momento era um lugar seguro pra mim, né? Mas hoje eu olho com certa raiva assim, mas eu entendo o porquê de eu ter estado lá também.”

A quarta entrevista foi com Thayane Gabriele em 29 de junho de 2022, na UnB, transcrita no dia seguinte. As falas principais foram:

"Desde pequena eu nunca achei que fosse errado gostar de pessoas do mesmo gênero, eu já sentia atração por homens, por meninas e meninos e nunca achei que era errado. Eu fui descobrir que era errado quando eu tinha, sei lá, uns 12 anos, que eu entrei pra igreja e aí falaram: é errado.

A questão da palavra armário me remete muito a isso: igreja, família, meus pais, ao meu pai principalmente.

Porque a igreja tem muito essa ideia de coerção, proibição, como se isso fosse sinônimo das pessoas não fazerem as coisas

Eu não tive contato com a palavra armário, nem nada disso. Mas nas missas você vai percebendo as coisas que o padre vai falando, vai vendo que é errado.

E aí eu planejei, escrevi um textão 3 dias antes, fiquei lendo, relendo, corrigindo, foi muito bem, bem planejado não porque enfim, foi horrível, mas de alguma forma eu tentei planejar,

às vezes não sentir necessidade de falar, também é uma maneira de repressão também

quando você se coloca em ciclos de pessoas que são extremamente opostas a você, querendo ou não, por mais que as pessoas tenham afeição por você, gostem de você, sempre tem algum momento que algo vai se alinhar ali e eu acho que são estresses que a gente não precisa passar nas relações que a gente prioriza.

Eu acho que o único espaço que eu talvez me sinta 100 % representada são nos meus ciclos de amigos.

Comigo, de fato, sem ser essa coisa da igreja nunca aconteceu algo tão grande de homofobia, mas as micro agressões se acumulam."

Quais os momentos de felicidade associados ao fato de ser LGBTQIA + você lembra?

Nossa, vários! LGBT povo animado, só de estar com os amigos, de ir pra festa, de ir para um evento, a parada LGBT, por exemplo, de me reconhecer ali, saber que é possível de acontecer, de existir. Eu acho que esses são os momentos mais importantes de fraternidade mesmo."

A quinta e última entrevista foi com a outra pessoa que não quis ser identificada que chamarei de "Anônimo 1", em 30 de junho de 2022, na UnB, transcrita no dia seguinte. As falas principais foram:

"nunca é algo constante, tipo as pessoas sabem que eu sou uma mulher bissexual, elas entendem isso, não. Como eu namorei um homem no meio, é como se eu tivesse voltado para dentro do armário e quando eu voltei a namorar mulheres, comecei a namorar uma mulher de novo, no caso, outra, eu precisei de novo fazer esse movimento de sair do armário.

eu saí do armário no meu primeiro relacionamento, mas eu precisei sair do armário no meu segundo relacionamento.

No final do dia a gente não precisaria sair de armário nenhum, não precisaria de nada, mas essa coisa tem muito mais a ver com outro do que com a gente, com a projeção do outro na gente, então a gente se cobra também de ter que sair do armário e ter um armário.

Se conseguisse visualizar esse armário, como ele seria?

É um armário bem pequeno, estreito, comprido e fino, não me coubesse. amarelo, madeira, com cara antiga, com uma ponta no pé.

Ao pensar em você dentro desse armário, o que sente? (Nomeie e liste emoções)

Eu sinto medo, a principal palavra. Que difícil.

Feche os olhos e imagine um ambiente acolhedor, confortável, que te faça ficar em paz o que você vê?

Imaginei uma coisa com flores, água, me sinto muito confortável na água.

Feche os olhos e imagine um lugar triste, melancólico, o que você vê?

Um lugar com uma cadeira, espelho e panos.

Qual desses ambientes melhor representa sua relação com o armário hoje em dia?

Acho que depende, tipo assim eu me vejo muito no primeiro, no confortável, mas em certas esferas são outras, tipo triste. É uma linha tênue entre confortável e triste.”

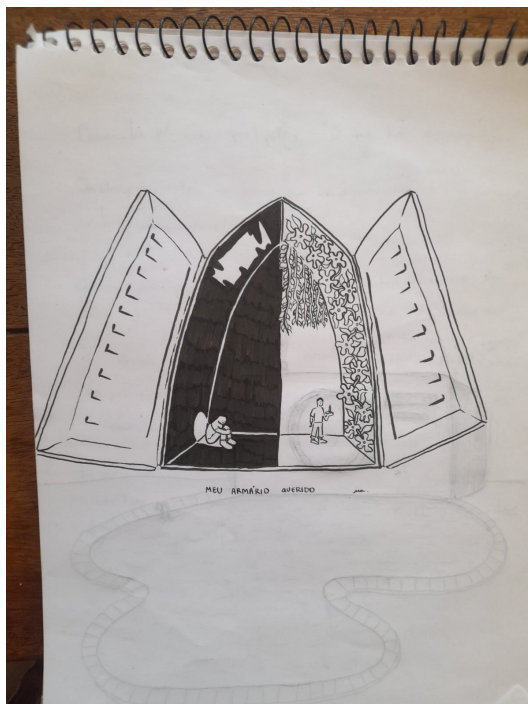
Após a transcrição e leitura livre das entrevistas transcritas, comecei a produção dos roteiros dos ensaios fotográficos.

7.4 Roteiros

A ideia inicial dos ensaios era ter um armário físico customizado de acordo com cada entrevista, porém no momento de planejá-los isso pareceu inviável e desnecessário. À medida que li as entrevistas e comecei os roteiros, decidi representar a narrativa sem o armário como elemento físico, apenas imaginário. O ensaio poderia se passar dentro e/ou fora do armário, dependeria da história a ser contada.

Assim como a entrevista piloto, o primeiro roteiro também foi um teste, no sentido de criar um *storytelling* e um formato que seria seguido nos próximos roteiros para ter uma coerência entre os ensaios, mesmo que fossem sobre narrativas diferentes. O primeiro roteiro também foi o de Ma Puzzilli. O fato dela se aproximar de produções artísticas ajudou muito no processo de criação, pois além de descrever com facilidade como seria esse armário, me entregou um desenho que acabou sendo usado de capa para seu capítulo e me inspirando no nome da fotozine:

Figura 11 - Caderno de desenhos de Ma Puzzilli



Fonte: Ma Puzzilli, 2022

O roteiro começava com a ideia geral do ensaio, nesse primeiro caso era “passar uma dualidade entre medo, insegurança, sombras e alegria, delicadeza, beleza”. Depois vinham as “aspas emblemáticas” retiradas da entrevista, os materiais necessários para aquela produção, e por último, as referências de estética e iluminação para cada foto/momento.

Todos os roteiros seguiram essa estrutura e foram elaborados no mês de julho de 2022, eles estão anexados ao final do documento.

7.5 Ensaios

Todos os ensaios seguiam uma lógica binária, tal qual o armário como dispositivo que regula a vida de nossos entrevistados(as), eram separados entre dois momentos de acordo com cada narrativa.

Todos os figurinos e maquiagens foram acordados entre eu e o participante do respectivo ensaio, fornecidos e produzidos por nós também. As fotos foram tiradas com uma Nikon D3200 e uma lente de 55mm a 200 mm.

a) Ma Puzzilli

Esse ensaio aconteceu no dia 19 de julho de 2022, no Estúdio A da Faculdade de Comunicação. A ideia principal era passar a ideia de que o armário era dividido em duas partes, uma bem resolvida e feliz; e a outra mal resolvida e triste. Os equipamentos utilizados foram uma *softbox*, um lençol, flores sintéticas e uma vela.

Para criar a foto principal do ensaio foi utilizada a técnica de iluminação *Split Lightning*²⁴ (em português, iluminação dividida), para dar essa impressão de divisão do armário. As outras fotos eram divididas em um cenário de escuridão com uma fresta de luz e um cenário rosa com flores ao fundo.

b) Lucas Modesto

Entre o primeiro e o segundo ensaio houve um intervalo maior que o restante para a definição do estilo de edição de imagens e estruturação dos outros roteiros a partir da primeira experiência de ensaio. O de Lucas aconteceu no dia 2 de agosto de 2022, no Estúdio A da Faculdade de Comunicação.

A ideia principal era passar a ideia de performances, uma dentro do armário, quando ele era inserido num ambiente evangélico e não aceitava sua sexualidade; e a outra como um *popstar*, momento em que ele abraça sua orientação sexual e se empodera. Os equipamentos utilizados foram: uma *softbox*, holofotes do estúdio e papel gelatina colorido.

c) Anônimo 2

A terceira pessoa foi fotografada no dia 8 de agosto de 2022, em sua casa na primeira parte do ensaio e num campo aberto da Asa Norte, bairro de Brasília, na segunda parte.

Nesse ensaio, o "dentro do armário" foi representado como um confessionário ou um espaço escuro com apenas buracos para respirar, como

²⁴ AnnPhoto, 13 de outubro de 2020, **6 padrões de iluminação de retratos que todo fotógrafo deve conhecer**. Disponível em: <https://annphoto.net/fotografia/6-padroes-de-iluminacao-de-retratos-que-todo-fotografo-deve-conhecer/>. Acesso em: 28 de jun. de 2022.

descrito pela pessoa entrevistada. O “fora do armário” foi representado em um lugar repleto de natureza e luz do sol, um lugar confortável e acolhedor.

Para a primeira parte do ensaio utilizei a *softbox* e uma cartolina preta furada para criar a ilusão de furos de luz. No segundo utilizei somente luz natural, uma canga e flores sintéticas.

d) Anônimo 1

O quarto ensaio teve dois momentos, um sem a pessoa e outro com a pessoa. O primeiro foi no dia 3 de agosto de 2022, no Estúdio A da Fac e o segundo no dia 5 de agosto de 2022, em uma cachoeira dentro do condomínio Ville de Montagne, no bairro Jardim Botânico em Brasília.

Esse ensaio não tinha um “dentro” e “fora” do armário, e sim um universo com dois armários, um caía no outro, como um *loop* infinito, pois o indivíduo teve que sair do armário diversas vezes por ser bissexual.

A primeira parte simbolizava um armário triste e vazio, por isso a ausência da personagem. Havia uma cadeira escolar para lembrar o momento de escola em que saiu do armário a primeira vez, um espelho para representar as projeções externas e uma frestinha espiando o outro armário. Utilizei os holofotes do próprio estúdio.

A segunda parte do ensaio simbolizava um armário mais confortável, um lugar onde não precisava lidar com a realidade. O cenário era a própria cachoeira e uma canga. Utilizei luz natural.

e) Thayane Gabriele

O último ensaio ocorreu também no Estúdio A da FAC no dia 17 de agosto de 2022.

Esse ensaio se diferencia dos outros por não ter um “dentro do armário” sombrio, e sim, um ressignificado e acolhido com carinho, e o “fora do armário” se assemelha com o de Lucas Modesto, pois agora é empoderado, com luzes de balada e uma energia de festa. Utilizei a *softbox*,

papéis gelatina, holofotes do estúdio, caixas, um lençol, um tapete, plantas reais e sintéticas.

7.6 Edição das fotos

Em cada ensaio eram tiradas, em média, 350 fotos. Dessas, eram escolhidas de 25 a 30 fotos para a edição. A edição das fotos de cada indivíduo ocorreu no período de uma semana a partir da data do ensaio.

Todas as fotos passaram pelo *Adobe Lightroom* e pelo *Adobe Photoshop*. O primeiro servia para ajustar a iluminação e as cores, já o segundo para tratamento de pele e pequenos ajustes, como tirar imperfeições do fundo ou acrescentar o espelho. Tudo dependia bastante da narrativa do ensaio.

7.7 Diagramação e Criação da Fotozine

a) Capa

A primeira versão da capa foi inspirada na capa do *Photobook* “NI NENA NI NEN” de Drew Romero, apresentada no Referencial Teórico deste documento. Houve um tratamento de matiz, saturação e opacidade no *Photoshop* em uma foto de madeira para que ficasse com a coloração rosa. Em cima da imagem utilizei o *Adobe Illustrator* para aproveitar os detalhes da madeira e desenhar olhos e mãos. A moldura preta com a maçaneta branca fazem um contraste pesado às ilustrações finas e cor da imagem de madeira, trazendo o lado sufocante do “armário” descrito nas entrevistas. Além de fazerem referência ao formato físico de um armário, assim como as bolinhas no “M” do título.

A fonte Marvin Visions foi escolhida para o título justamente por ter o “M”, o “A” e o “R” em um formato que lembra o armário enquanto objeto. Essa tipografia foi criada com base na fonte Marvin, feita para ficção científica, o que me remeteu a definição de “armário” apresentada por Eve Kosofsky Sedgwick, como um dispositivo imaginário muito utilizado pela igreja para regular a vida de LGBTQIAP+. Ao longo da história do movimento LGBTQIAP+ no Brasil e no mundo, a ciência enviesada foi utilizada diversas vezes para amedrontar e regular essas pessoas.

Figura 12 - Captura de tela da fonte Marvin Visions

MARVIN VISIONS

Fonte: Própria, 2022.

Figura 13 - Primeira versão da capa da Fozozine “Meu Querido Armário

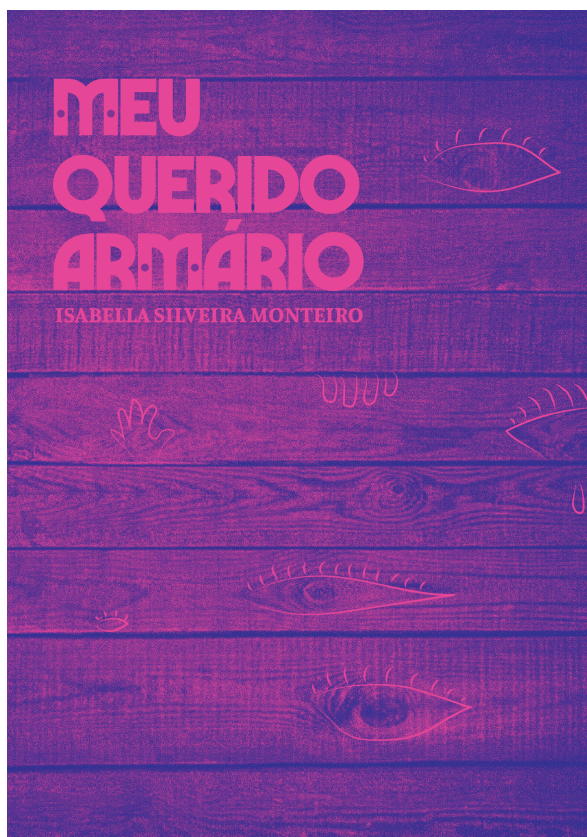


Fonte: Própria, 2022.

O design sofreu uma série de alterações, chegando a mais de 20 versões de capa. Após uma orientação, houve a ideia de manter a madeira, as ilustrações e algum tipo de mesclagem, porém a imagem ocuparia toda a capa. Dias depois, o professor orientador fez uma visita a uma papelaria e achou um papel de coloração semelhante ao rosa utilizado no miolo do projeto e sugeriu uma capa daquele material. Por fim, imprimir a foto de madeira por cima do papel rosa foi escolhido por lembrar a estética das

zines que têm um caráter artesanal e por dar um toque de originalidade ao projeto, já que as impressões geralmente são feitas em fundo branco. O resultado foi esse:

Figura 14 - Primeira capa do projeto



Fonte: Própria, 2022.

A segunda e a terceira capa contêm apenas a cor rosa do papel, mesma cor das letras da primeira capa. Já a quarta capa, é a imagem de madeira sem as ilustrações e invertida horizontalmente:

Figura 15 - Quarta capa do projeto.



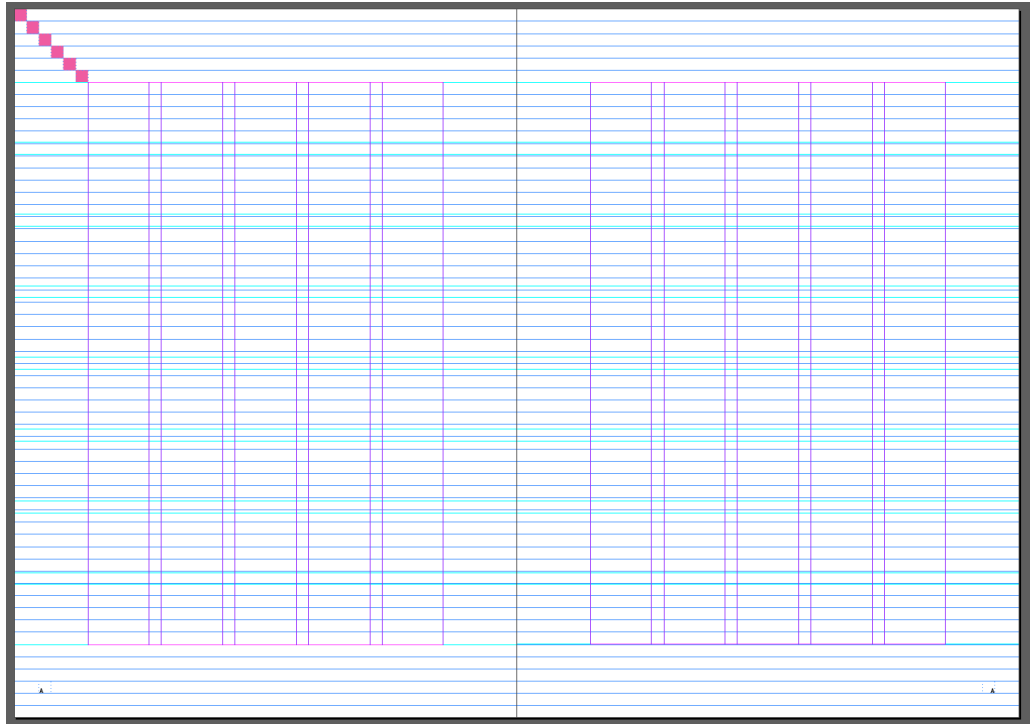
Fonte: Própria, 2022.

b) Grid

Por se tratar de uma revista de fotos, foi construído um grid modular. O módulo era um quadrado da altura da baseline da entrelinha de 14,4 pt da tipografia escolhida: Manuale Regular 12 pt.

A margem mantinha uma distância do fim da página de seis vezes o lado do quadrado modular. Dentro da margem havia cinco colunas e 8 divisões horizontais.

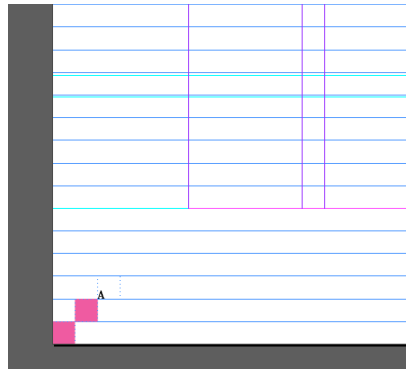
Figura 16 - Captura de tela da página mestre



Fonte: Própria, 2022.

O número da página está na parte inferior externa das páginas a duas diagonais do quadrado modular de distância da quina inferior externa da página. A fonte é Manuale Bold e está em tamanho 8 pt.

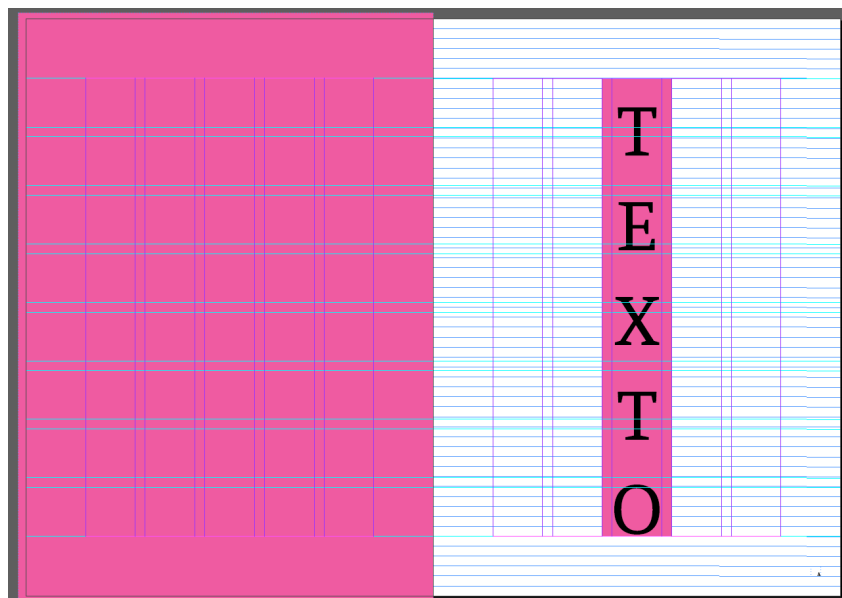
Figura 17 - Captura de tela da página mestre

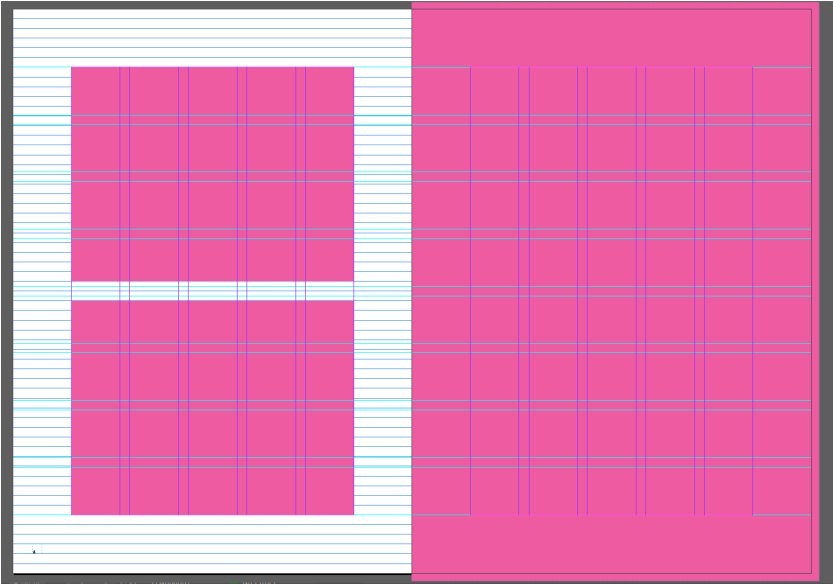
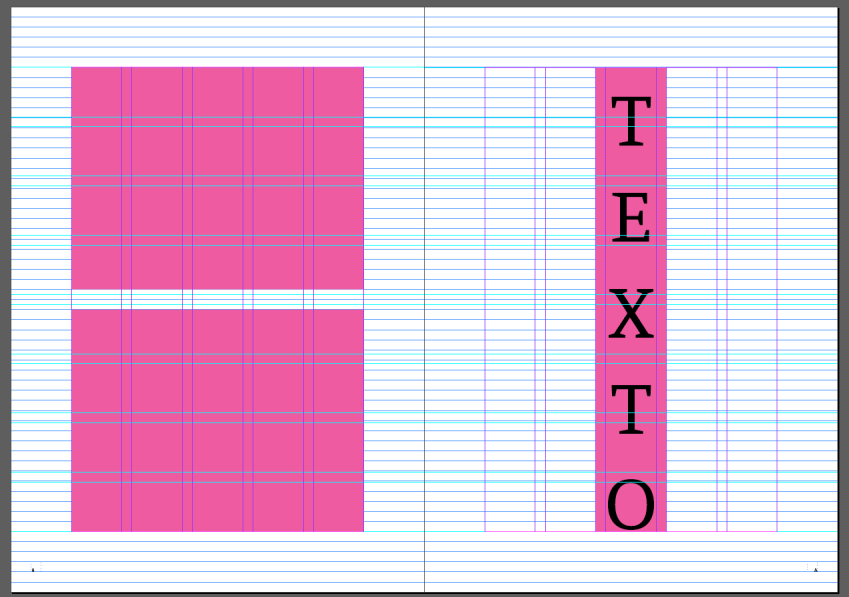


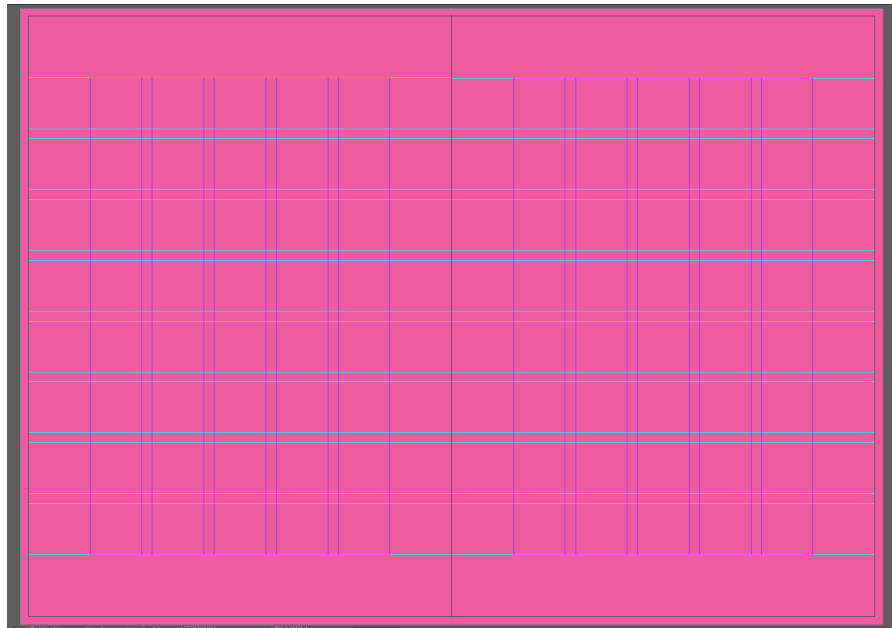
Fonte: Própria, 2022.

Com exceção do capítulo “Linha Tênuê”, as fotos seguiram cinco possibilidades de disposição dentro do grid. Fiz esse esquema com retângulos rosas vazios representando as imagens e retângulos rosas com “TEXTO” escrito representando o texto para apresentar essas disposições:

Figura 18, 19, 20, 21 e 22 - Capturas de tela do Indesign



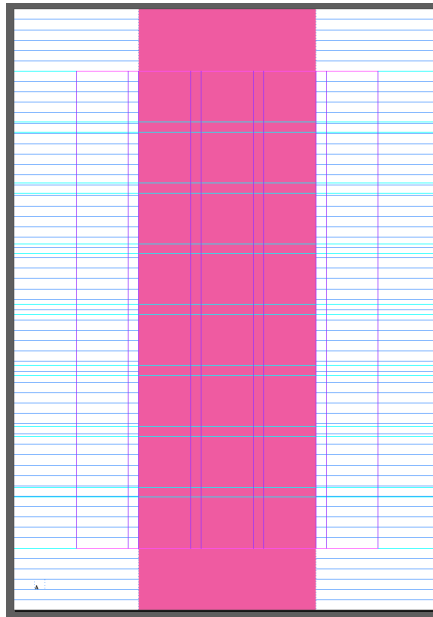




Fonte: Própria, 2022

Já o capítulo “Linha Tênuê” tem todas as suas imagens em uma área centralizada e com menor largura, por ser o capítulo do meio, por conta do conceito de linha que carrega no título e pela pessoa entrevistada ter descrito seu armário como alto e fino.

Figura 23 - Print do Indesign



Fonte: Própria, 2022.

c) Fonte e Cores

As cores foram inspiradas no *Photobook* de referência, no rosa presente nas fotografias e em algumas bandeiras do movimento LGBTQIAP+e foram escolhidas de maneira a harmonizar e não sobressair aos ensaios.

Figura 24 - Paleta de cores



Fonte: Própria, 2022.

A fonte Manuale do grupo Omnibus type, feita por Pablo Cosgaya e Eduardo Tunni, foi desenhada para trabalhos editoriais (como uma revista) online e impressos e tem 8 estilos. A fonte é serifada e foi escolhida para

passar as mensagens de forma neutra, séria e com um pouco de drama. No trabalho foram utilizados os pesos Regular e Bold.

Figura 25 - Fonte Manuale Regular

Manuale

Fonte: Própria, 2022.

Figura 26 - Fonte Manuale Extrabold

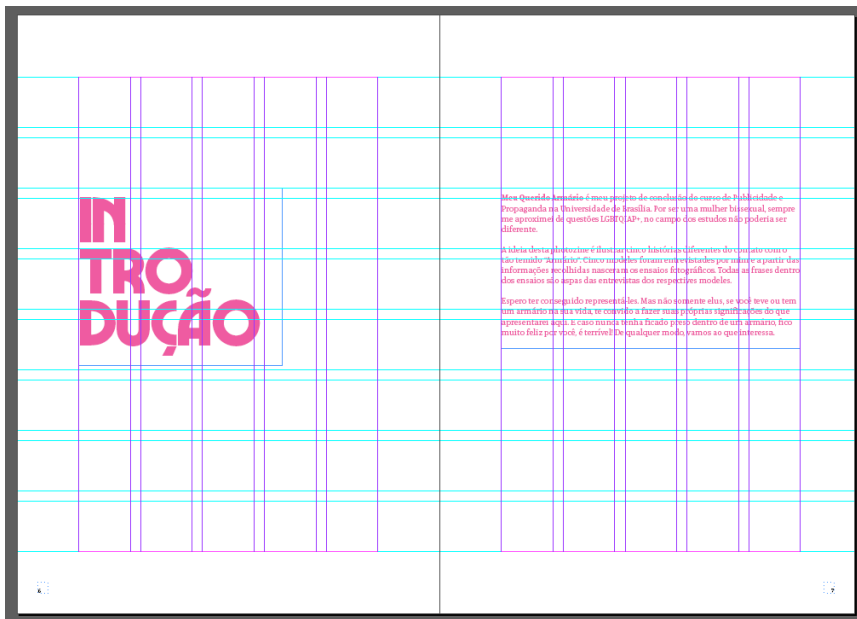
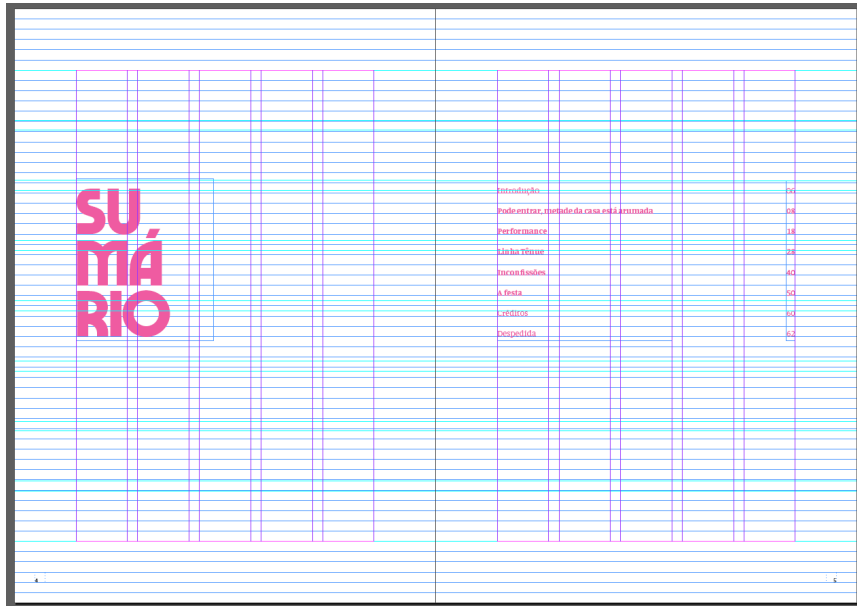
Manuale

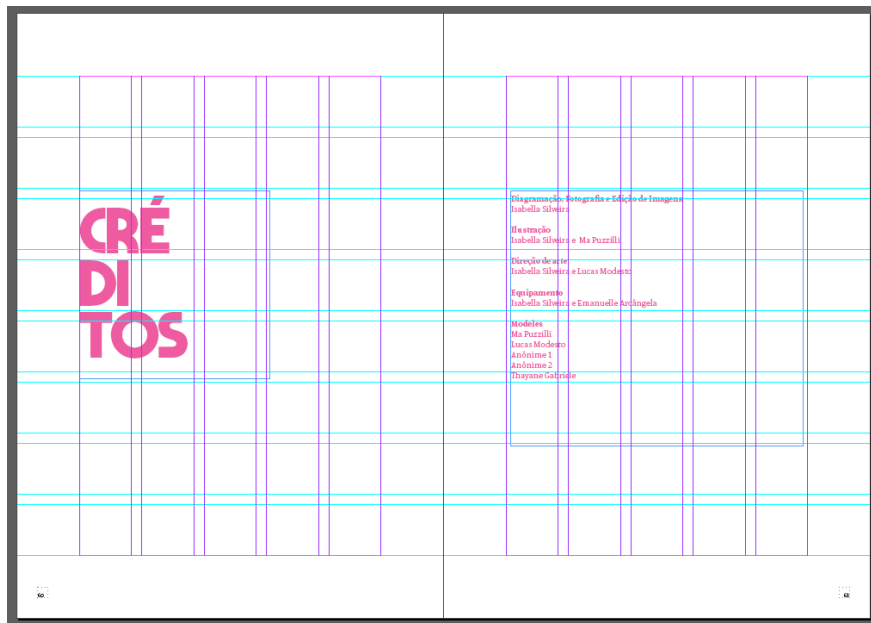
Fonte: Própria, 2022.

d) Sumário, Introdução e Créditos

Os três seguiram a identidade visual do projeto e uma linha comum entre si, pelo fundo branco, pela aplicação do título com a fonte da capa (*Marvin Visions*) em larga escala, alinhada à esquerda e ao topo do quadrado da página esquerda; e a aplicação do corpo do texto na página direita, também alinhada à esquerda e ao quadrado da página:

Figuras 27, 28 e 29 - Capturas de tela do Indesign





Fonte: Própria, 2022

Eu optei por utilizar linguagem neutra na introdução e nos créditos, pois entrevistei uma pessoa que a utiliza e pelo público que quero atingir.

e) Dedicatória e Despedida

Uma espécie de “olá e tchau”, um no início, outro no final do produto. Os dois com o fundo rosa, letra branca e ocupando duas linhas no canto inferior direito das páginas:

Figuras 30 e 31 - Capturas de tela do Indesign



Fonte: Própria, 2022.

Também utilizei linguagem neutra na dedicatória.

f) Capítulos

Por fim, temos cinco capítulos, já tratei da diagramação e construção do ensaio deles nos itens acima, então falarei do título e suas capas.

O primeiro capítulo leva o título de “Pode entrar, metade da casa está arrumada”, faz referência a narrativa de Ma Puzzili, onde metade do seu armário está bem cuidado e a outra metade na escuridão.

A capa é a digitalização do desenho apresentado no item “Roteiros” feito pela própria entrevistada:

Figura 32 - Captura de tela do Indesign

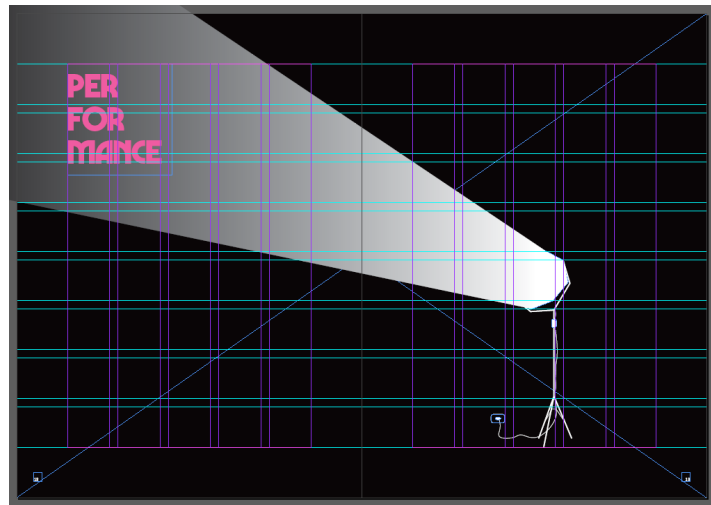


Fonte: Própria, 2022.

O segundo capítulo é o “Performance” do ensaio de Lucas Modesto. Trata sobre as performances que fez durante a vida, tanto dentro do armário durante o contato com a religião cristã, quanto após sair do armário com confiança e atitude.

A capa é uma ilustração de linhas finas de uma das *softbox* utilizadas em seu ensaio ligada em uma tomada:

Figura 33 - Captura de tela do Indesign

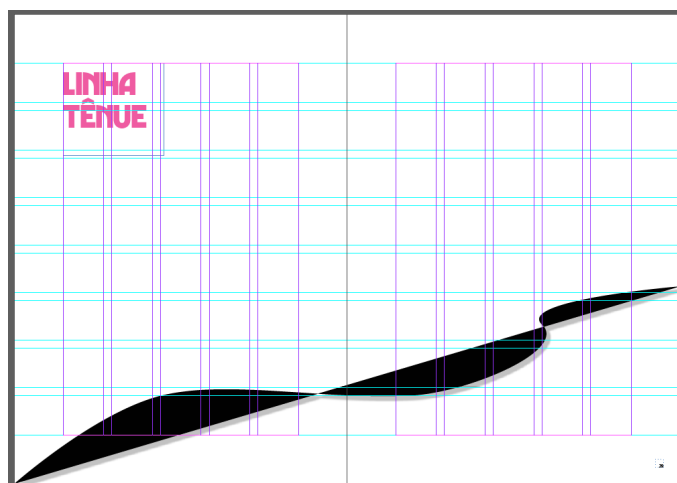


Fonte: Própria, 2022

O terceiro capítulo tem o nome de “Linha Tênuê” e é sobre a história de “Anônimo 1” que estava numa linha entre um armário triste e solitário e um armário confortável.

A capa é uma linha com curvas preenchidas, de maneira que o preenchimento cai para os dois lados, assim como o personagem principal.

Figura 34 - Captura de tela do Indesign

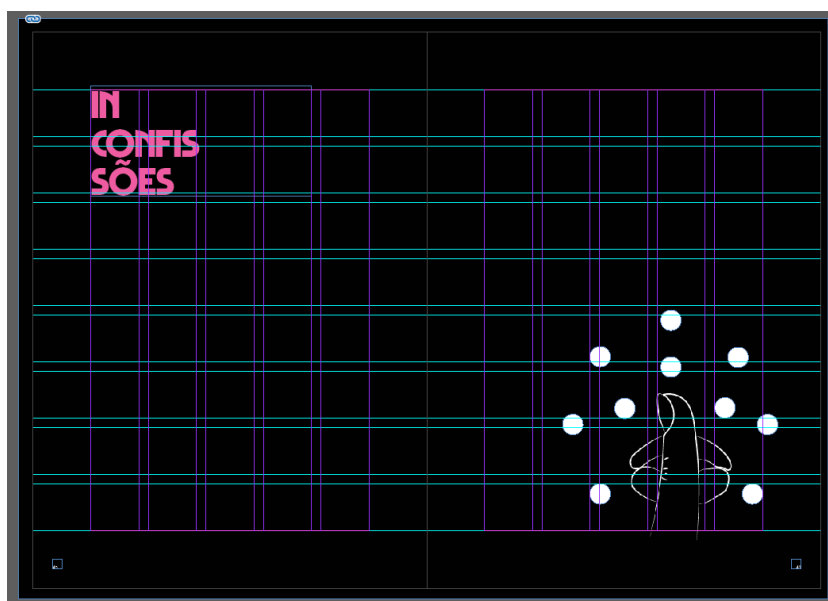


Fonte: Própria, 2022

O quarto capítulo é o “Inconfissões” título inspirado em um filme curta-metragem também chamado “Inconfissões” de Ana Galizia. O documentário conta a história de um tio da diretora que era famoso na cena teatral de 1970-80 e leva uma vida dupla por ser gay não assumido para a família. Assim como “Anônimo 2” que também mora longe de sua família, tem um contato carinhoso, mas apesar das desconfianças não se fala sobre sua sexualidade.

A capa faz referência aos segredos e tipo de iluminação características das primeiras fotos do ensaio:

Figura 35 - Captura de tela do Indesign

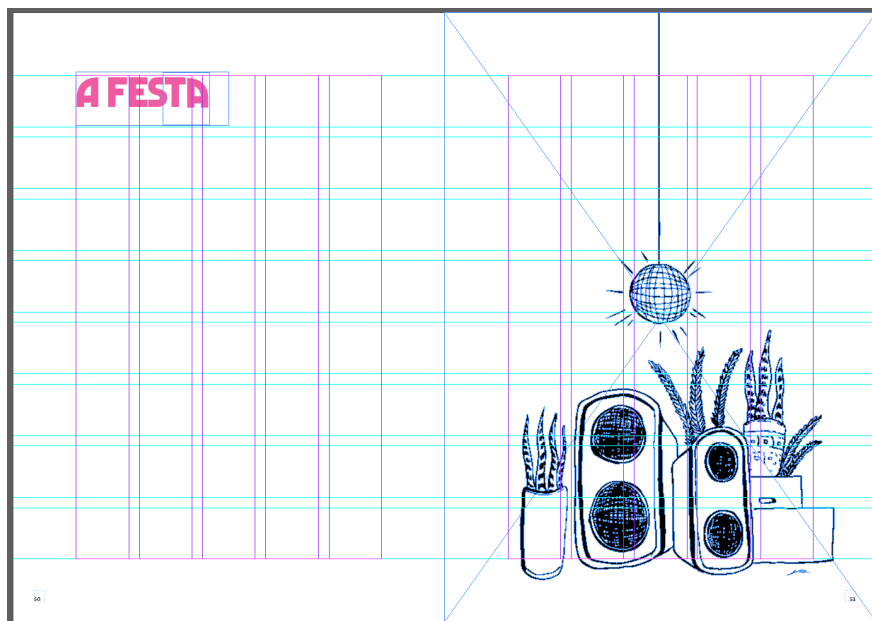


Fonte: Própria, 2022

O último capítulo se chama “A Festa” e conta a história de Thayane Gabriele, conhecida em seus grupos de amigos por ser a vida da festa, além de ter relatado uma história mais leve e motivo de celebração de sua história como bissexual.

A capa também foi uma ilustração de Ma Puzzili, retrata elementos do próprio ensaio e de seu imaginário:

Figura 36 - Captura de tela do Indesign



Fonte: Própria, 2022.

7.8 Impressão

A tiragem foi de 10 cópias na impressora Indigo. Capa: formato aberto 420 mm x 297 mm, acabamento grampo, 4/0 cores, color plus cancun 180 g. Miolo: formato fechado 210 mm x 297mm , 64 páginas, acabamento grampo, 4/4, papel offset 90 g.

8. Conclusão

O armário surge como símbolo da opressão sofrida por pessoas LGBTQIAP+ ao longo da história. A imposição do estilo de relações afetivas e sexuais eurocêntricas feita pela igreja, durante a época da colonização trouxe ao Brasil a

repressão de formas de se relacionar e existir diferentes da heterossexual e cisgênero.

Porém, além do significado amplo que o armário tem na vida dos LGBTs no Brasil, a diversidade de trajetórias faz com que cada pessoa tenha sua própria história com o armário. Nesse produto houve um contato próximo com cinco narrativas brasileiras, fazendo um contraponto com a dominação estadunidense na Teoria Queer e nas pesquisas que tem o armário como objeto de estudo.

Como foi apresentado no referencial teórico, o movimento evoluiu e ganhou dissidências que tem suas necessidades específicas, por exemplo, uma travesti tem demandas políticas diferentes de uma mulher lésbica cis, pessoas trans muitas vezes não têm a opção de se esconder dentro de um armário e pessoas queer pretas passam por opressões racistas. As narrativas da comunidade LGBTQIAP+ são atravessadas por outras opressões como de raça, classe e padrão de beleza. Essas individualidades tornam cada história de armário única.

Uma questão encontrada durante a idealização do projeto foi tentar criar uma coesão entre os ensaios no resultado final e, ao mesmo tempo, preservar as especificidades de cada personagem. Separar binariamente os *storytellings* foi uma maneira de atingir essa linha de coerência, ao mesmo tempo que foi uma crítica à própria definição de armário como dispositivo regulatório binário e ao sistema binário de gênero que nos é imposto desde o nascimento. A forma como ditam quais os comportamentos alguém terá ao longo da vida com base nas suas genitálias, tem ligação direta com a sexualidade e a identidade de gênero.

Meu Querido Armário é mais que uma Fotozine, com o objetivo de transmitir a mensagem de 5 pessoas sobre seus armários, foi feito um estudo do contexto de luta LGBTQIAP+ no país que estão inseridos, uma busca por entender o que seria o “armário” e uma investigação e construção de ensaio fotográfico para cada indivíduo. Por isso, o produto não foi feito somente para um interesse pessoal ou para o impacto nas pessoas que nele aparecem, e sim na perspectiva de uma produção que almeja contribuir para a sociedade, principalmente a comunidade LGBTQIAP+.

Afinal, é possível perceber o impulso que produtos comunicacionais deram ao movimento ao longo de sua história. Se há um problema de representação estereotipada de LGBTs na mídia, a solução é tornar essas pessoas as próprias produtoras e distribuidoras de conteúdo, ninguém saberá suas demandas melhor do que elas mesmas. Como fizeram os boletins gays na segunda metade do século XX no Brasil. É importante repetir o que deu certo como força do movimento e se adaptar às novas questões, pois a tendência é que quanto mais livres da norma, mais diversas as pessoas sejam, criando novas necessidades e apontamentos dentro do movimento.

9. Referências

ALMEIDA, V. S. **Existe gueto gay em São Paulo?**. In: VIII Semana de Pesquisa de Graduação em Geografia (2015). Revista Paisagens - Geografia / USP, 2015, São Paulo. VIII Semana de Pesquisa de Graduação em Geografia (2015). Revista Paisagens - Geografia / USP, 2015.

CARVALHO, Ketryn. **Chanacomchana: Conheça a história do stonewall brasileiro**. Observatório G, Uol, 2019. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/cultura/chanacomchana-conheca-a-historia-do-stonewall-brasileiro>. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

Godoy, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas. Fundação Getulio Vargas, Escola de Administração de Empresas de S.Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/20595>>. Acesso em: 5 de jul. de 2022

MENDES, Gyssele. **Representação de LGBTs na mídia: entre o silêncio e o estereótipo**. Carta Capital, 18 de jun. de 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/representacao-de-lgbts-na-midia-entre-o-silencio-e-o-estereotipo/>. Acesso em: 13 de jul. de 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, ps. 27-46, 2019.

LOPES, Adriana. **Entrevista**. Educa Mais Brasil. 13 de dez. de 2018. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/entrevista>. Acesso em: 25 de ago. de 2022

LEITÃO, Carla. **A entrevista como instrumento de pesquisa científica**. Rio de Janeiro: Metodologia CEIE, 2021. Disponível em: <https://metodologia.ceie-br.org/wp-content/uploads/2021/10/livro3-cap7-Entrevista.pdf>. Acesso em: 25 de ago. de 2022

PERLONGHER, Nestór Osvaldo. **O negócio do michê**. Prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento. **Fora do Gueto: O Processo de Formação da 1ª Onda do Movimento Gay No Brasil**. Emblemas - Revista da Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais. Goiás, ps - 38-41, 2017.

REIS, Maria Helena, VILAR Duarte. **A implementação da educação sexual na escola: atitudes dos professores**. Anal Psicol. 2004; 22:737-45.

SANTOS, Luiz Felipe Souza. **História do movimento LGBT brasileiro: interpretações sobre a dinâmica política da relação entre o movimento social e o estado**. Orientador: AMÂNCIO, Júlia Moretto. 2018. P. 1-106. Monografia (Graduação), Administração Pública, Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/39422>. Acesso em: 18 de ago. de 2022.

SEDGWICK, E. K. **A epistemologia do armário**. Cadernos pagu, Campinas, v. 28, n. 1, p. 19-54, 2007.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VIEIRA, Laionel; BARBOSA, Bruno. **Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa**. Estudos de Religião, v. 30, n. 3, p. 129-154, set.-dez. 2016.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**. Curitiba: Appris, ps. 175 a 217, 2018.